

JOSÉ A. CORRÉA

ESTUDINHOS
DA
LINGUA PORTUGUEZA

0030023/2003



L0000030026

ESTUDINHOS

DA

REGISTRO SETORIAL
Seção Classe Físic
N.º 1022
Data 06/03/74

LINGUA PORTUGUEZA

ESCRITOS E COMPILADOS

POR

José A. Corrêa.

VOLUME 1.º



Maranhão—1883.

Typ. de B. d'Almeida & C.

O RMA
469
© 854

899
08242



A MINHA PREZADÍSSIMA ESPOSA

Emilia Bayma Corrêa.



AO LEITOR.

Julgue-me razão recta e corações direitos; não me examinem sabios nem grandes homens.

Garrett.

Neste meu pequeno trabalho ha erros, ha defeitos que corrigirei em uma 2.^a edição que horventura delle der, uma vez que me sejam indicados por uma critica sensata e conscienciosa.

Occupado como sou, só posso estudar e escrever nas poucas horas de descanso de que disponho; seja, pois, meu merito o saber empregar-as trabalhando, procurando ser util.

D. A. Corrêa.

ESTUDINHOS

DA

LINGUA PORTUGUEZA.

PRONOME PESSOAL E ADJECTIVO PRONOMINAL.

I—Sobre o emprego dos casos rectos e obli-
quos do pronome.

Todos sabemos que a lingua latina da qual principalmente a nossa se deriva, dá a conhecer as relações que existem entre as palavras por meio dos casos e mesmo das preposições, mas nós não nos servimos desta ou daquella terminação para expressar tal ou qual relação; recorreremos ás preposições que a exprime perfeitamente, e ás vezes mesmo basta o logar que as duas palavras, postas em relação, occupão para indical-a, como em—«*Maria ama Pedro*»,—*Pedro ama Maria*»; neste caso *Pedro* é o sujeito e *Maria* o complemento objectivo; naquelle verifica-se exactamente o contrario.

O pronome pessoal, porém, tem casos rectos e obliquos.

São rectos:—*eu, nós, tu vós, elle ou ella, elles ou ellas*; e obliquos:—*me, mim, migo, nos, nosco, te, ti, tigo, vos; vosco, lhe, lhes*, hem como *se, si, sigo*.

É regra que os primeiros servem de sujeito:—«*Elle* virá para o anno», ou, posto que raramente, de attributo:—«Era preciso que eu fosse *elle* para proceder assim», e os ultimos de complemento:—«Isto é para *ti*».

Assim são incorrectas as seguintes phrases.

Caso obliquo pelo recto.

—«Para *mim* fazer esta obra é necessario que me dês o prazo de quinze dias». *Mim*, caso obliquo, é o sujeito de *fazer*; devendo dizer-se:

—«Para *eu* fazer» ou simplesmente «Para fazer esta obra é necessario que me dês o prazo de quinze dias».

Caso recto pelo obliquo.

—«Chama *ella*».—«Vi *ella*». *Ella*, caso recto, serve de complemento objectivo; corrigindo-se:

—«Chama-a».—«Vi-a». Ou—«Chama a *ella*».—«Vi a *ella*».

Cumpre observar que *a elle, a ella, a elles, a ellas* nunca poderão usar-se com relação á pessoa a quem nos dirigimos, mas sómente á sobre quem fallamos. Recorramos então ou ao adjectivo pronominal ou aos tratamentos de V. S., V. M.^{ce}, etc. E' de notar que o emprego do pronome precedido da preposição *a* não é cabivel, quando não a admitta o complemento objectivo, isto é no caso de não ser este pessoa ou cousa personificada.

NOTA.—«As variações nas terminações dos

nomes são chamadas casos de uma palavra latina que significa *queda, desinencia*» (Sacy).

«No portuguez só os pronomes pessoaes tomão varias fôrmas que se pôdem chamar *casos*, á semelhança dos casos latinos; os demais nomes as unicas variações que têm, são de genero e numero» (J. A. Passos).

Pretendem que em nossa lingua ha casos Leoni, Roquete e Lobato, porém oppõem-se a esta opinião os grammaticos citados e outros, como Moraes, Soares Barbosa, Costa Duarte e Bescherelle-ainè, nada importando que este e Sacy tenham tratado da questão em relação á franceza que neste ponto é analogá a nossa. Com effeito basta attentar para a significação da palavra *caso* para conhecer-se quão erronea é tal opinião.

Si, por exemplo, dizemos—«Tenho um livro de Pedro»—*um livro* serve de complemento objectivo ao verbo *tenho*, e *Pedro*, de restrictivo ao appellativo *livro*; desempenhão essas funcções, *sem que contudo mudem de terminação*. A funcção propriamente não constitue um caso; esta palavra, conforme sua significação grammatical, refere-se particularmente á *terminação*, e uma vez que esta não varie para designar a relação, não vemos razão para dizer v. g. que *livro* no exemplo dado está em accusativo e *Pedro* em genitivo. Isto não passa de uma preocupação com a formula antiga de analysar, segundo judiciosamente observa Passos.

II—Não obstante o que se disse no numero anterior, empregão-se os casos obliquos *me*,

nos, te, vos como sujeitos das orações infinitivas que desempenhão o papel de complemento objectivo.

Nestes exemplos:—«Meu pae mandou-me estudar»,—«Nosso pae mandou-nos estudar»,—«Teu pae mandou-te estudar»,—«Vosso pae mandou-vos estudar», *me, nos, te, vos* são os sujeitos de estudar, e estão por *eu, nós, tu, vós* que neste caso não se usão, sendo as orações infinitivas o complemento objectivo de *mandou*.

Convertidas as orações do modo infinito para outras completivas ligadas pela conjunção *que*, ver-se-há facilmente que os pronomes mudados em casos rectos são os sujeitos do verbo estudar.—«Meu pae mandou-me estudar» corresponde a—«Meu pae mandou que *eu* estudasse», e assim nos outros exemplos.

O que se dá aqui com o pronome, dá-se também com o adjectivo pronominal a que considerão casos do pronome da 3.^a pessoa alguns grammaticos, entre outros Du Marsais, Dr. Macedo, Soares Barbosa e Costa Duarte.

Sirva de exemplo o seguinte:—«Mandei-o passear» que se póde converter em—«Mandei que *elle* passeasse».

Sousa Caldas escreveu:

—«Cuidava vel-a pouco a pouco animar-se» (*Pigmalião cuidava ver Galathea animar-se pouco a pouco*).

NOTA.—«Elle tem no singular *lhe* e no plural *thes* para o complemento terminativo, e o,

a no singular, *os*, *as* no plural para complemento objectivo» (Costa Duarte).

O mesmo, mais ou menos, dizem os outros grammaticos cujos nomes mencionamos.

III—Sobre os pronomes que servem de complemento objectivo ou terminativo.

Sendo os verbos transitivos, emprega-se o adjectivo pronominal *o*, e sendo relativos o caso *the* da 3.^a pessoa. (Nota do n. 2.)

Evitem-se, pois, phrases como as seguintes:—«Eu *the* vi».—«Eu *the* estimo».—«Eu *the* conheço». Em lugar de—«Eu *o* vi».—«Eu *o* estimo».—«Eu *o* conheço». E como esta:—«Quando seus amigos *the* desamparáraõ...» (F. Pinheiro). Em lugar de—«Quando seus amigos *o* desamparáraõ...».

Si repugnante é dar a verbo transitivo complemento terminativo, não menos o é dar a verbo relativo complemento objectivo. O verbo *obedecer* é hoje quasi que geralmente empregado como transitivo, quando elle é de acção relativa. Dizem:—«Eu *o* obedeco» em lugar de—«Eu *the* obedeco».

Dos exemplos seguintes se colhe que este verbo é, como pretendemos, de acção relativa, e não transitiva:

—«Obedecendo á ordem geral e ultima de V. Magestade, dou conta a V. Magestade do estado em que ficão estas missões» (Vieira).

—«Assim, lançando o anathema sobre essas novas e turbulentas seitas e sobre seus fautores e protectores, negando, até, a estes a sepultura ecclesiastica, o concilio chamava ás armas os catholicos, autorisa os principes para

privarem de seus bens os culpados e reduzirem-nos á servidão, e concede indulgencias por dous annos a todos os que combaterem pela religião, mandando negar o sacramento da eucharistia aos que, admoestados pelos bispos para tomarem as armas, recusassem obedecer-*thes*» (A. Herc.).

—«Sem desejar ferir convicções, que eu respeito sempre, parece-me poder affirmar que o illustre poeta (João de Lemos), filian-do-se na escola politica da legitimidade, obedeceo ás *predilecções* de seu estro poetico» (Lopes de Mendonça).

—«Amphitrite, formosa como as flores,
Neste caso não quiz que fallecesse:
O Delphim traz consigo que *aos amores*
Do rei lhe aconselhou que obedecesse» (Camões).

—«Convoca as alvas filhas de Nereo,
Com toda a mais cevulea companhia;
Que porque no salgado mar nasceo,
Das aguas o poder *lhe* obedeceo» (Idem).

Quanto aos casos *me, te, nos, vos*, servem ora de complemento objectivo, ora de terminati-vo, conforme a acção do verbo.

Complemento objectivo.

—«Pedro te estima». Na passiva:—«Tu és estimado de Pedro ou por Pedro».

Complemento terminativo.

—«Fallei-te hontem».

O mesmo côm relação aos outros casos.

NOTA 1.^a—Outr'ora empregou-se *lhe* para indicar o complemento objectivo. A este respeito escreve Leoni em seu *Genio da lingua portugueza*: «Nossos antigos escritores usavão da fórma *lhe* do pronome pessoal *elle* para denotar o accusativo do mesmo v. g.

«A duqueza que em extremo *lhe* amava e com todos estes aggravos ó não podia tirar da vontade quiz ver si por manha o poderia haver á mão». Moraes, Palm. d'Ingl. T. 1^o P. 2^o C. 74, pg. 500.

«E quiz Deus que o Catual não ousou de matar Vasco da Gama, nem os seus, que bem quizera fazel-o por amor dos mouros que *lhe* peitavão». Fern. Lopes Castan. Hist. da Ind. L. 1^o C. 21.

Esta fórma a que nossa lingua não podia repugnar por ser analoga à do caso correspondente *illum, am, ud*, foi todavia rejeitada, e, para empregarmos o mesmo pronome em accusativo, precisamos dizer *a elle, a ella* ou então mudar do pronome e usar do determinativo *o, a*.

NOTA 2.^a—Quando, como se vê, em lugar do caso *lhe*, usa-se de outro complemento, é este terminativo, como o indica a preposição *a* anteposta a nomes de cousas. A *ordem*, por exemplo, quer dizer *a a ordem*, sendo o primeiro *a* a preposição que aqui rege o complemento terminativo, e o segundo o artigo definido que está determinando o substantivo *ordem*. Dá-se nesta contracção a figura *crase*.

«A crase é a combinação da preposição *a* com o artigo indicativo *a* ou com o *a* do de-

monstrativo *aquelle*, contrahidos em um só a longo, deste modo: *á franceza, á moda, ás vezes, áquelle, áquella*, em logar de *a a franceza, a a móda, a as vezes, a aquelle, a aquella*» (Dr. Carneiro Ribeiro).

A locução prepositiva *até a* combina-se com o artigo definido nas fórmulas *até á, até ao*:— «Perdoem-me! Eu não acredito senão em dois scepticismos: um que nega tudo, porque tragou o calix *até ás* fezes, que duvida, por que espremeo o goso *até ao* dessecar de todo, outro, etc.» (L. de Mendonça).

Não devemos empregar o *accento agudo*, quando o *a* for apenas preposição; este uso vemol-o em alguns escritores, mas para isso não ha razão alguma.

Nem é razão para que *accentuemos o a* o seguir-se-lhe um nome feminino, consequente da preposição, porque póde o sentido não exigir a determinação pelo artigo, como em:—«*A* noite sairei», exemplo em que a prep. póde ser mudada para *de*, sem que appareça a determinação pelo artigo (De noite sairei).

Nas reflexões sobre a lingua portugueza por Candido Lusitano lê-se o seguinte:

«Temos igualmente observado nos nossos melhores classicos que por especial elegancia tiravão muitas vezes os articulos a diversos nomes. Não ha cousa tão frequente em Jacintho Freire e em outros muitos que o seguirão, como o dizerem: *meu zelo, minha lealdade, suas noções, seus progressos*, e não *o meu zelo, a minha lealdade*, etc. Vejo hoje pouco observada esta elegancia, sendo tantos, e de

primeira autoridade, os classicos que a praticáraõ».

Assim julgamos que não se deve empregar o dito accento agudo, quando depois da preposição *a* seguir-se um possessivo, porque o *a* é apenas preposição:—«De mim que direi *a* V. Ex.^a?» (Vieira).

Em dois casos, porém, pôde ser empregado antes do possessivo o artigo:

1.^o Quando por qualquer circumstancia temos em mira designar com mais especialidade e individuação o objecto ou objectos expressos pelos nomes (V. Gram. do Dr. C. Ribeiro):—«Pois todos estes que aqui tendes presentes não são também filhos vossos? Sim são: são meus filhos, mas não são *o meu filho*.

Os outros também erão filhos, não o negára Jacob, mas *o seu filho* era José. Vae muito de ser *filho* a ser *o seu filho*» (Vieira).

2.^o Quando o substantivo com que elle concorda, vem occulto:—«Este chapéo é bom, porém *o meu* também o é». Considerão neste caso alguns grammaticos ao possessivo um verdadeiro pronome.

NOTA 3.^a—O verbo obedecer foi antigamente empregado como activo, e ainda hoje é usado na voz passiva:—«O capitão foi obedecido dos ou pelos soldados» (V. Passos).

NOTA 4.^a—O êrro que neste numero bate-mos, é um solecismo.

Solecismo (lat. *solecismus*, dos habitantes de Soles, cidade da Sicilia), segundo Lacerda, é êrro de grammatica na *concordancia*; o Dr. Carneiro Ribeiro, porém, diz (e parece que com razão) que é solecismo toda a falta contraria á syntaxe regular ou figurada.

Eis alguns exemplos: vende-se casas por vendem-se casas; nenhum delles vierão por nenhum delles veio; mais ruim por peor; traz, faz, diz por traze, faze, dize, quando o sentido exija o imperativo; sem eu nada se faz por sem mim nada se faz; vem connós por vem comnosco; lhes chama, expressão de que usa Rodrigues Lobo por os chama, empregada por Camões:—«Triste ventura e negro fado os chama»; cheguemos hoje, fallemos ao Presidente a teu respeito por chegãmos hoje, fallãmos ao Presidente a teu respeito; todos dois por ambos; fui na missa, fui na festa por fui á missa, fui á festa; ninguem não veio, nenhum não fallou, nada não aconteeo por ninguem veio, nenhum fallou, nada aconteeo, ou não veio ninguem, não fallou nenhum, não aconteeo nada; nem deixe de não querer por nem deixe de querer; si elle transpôr, si elle vir; deparei com o livro por deparei o livro; deve de ser por deve ser. Vem a proposito dizer que ás vezes por elegancia ou propriamente por idiotismo empregão varias preposições no complemento directo ou objectivo, *cousa*, como *sejão de, com*:—«Arrancão da espada».—«Concluir com os successos».—«Determinei por armas de tomal-a». Em logar de—«Arrancão a espada».—«Concluir os successos».—«Determinei por armas tomal-a» (Veja-se a Gram. de Bento Oliveira).

Chamão em geral aos êrros de syntaxe *cacologia*, e aos de *orthographia*, *cacographia*.

IV—Sobre as pessoas grammaticaes.

E' regra que a 1.^a pessoa representa a que

falla, a 2.^a a com quem se falla, e a 3.^a a de quem se falla.

Assim, dirigindo-nos a alguém, não devemos levar o verbo para a 3.^a pessoa; no entanto usa-se della nos tratamentos de V. Magestade, V. Alteza, V. Ex.^a, etc.:—«V. Magestade quer passear?»—«V. S. está bom?»—«O amigo vem?»

Mudando-se, porém, o sujeito para um pronome observar-se-ha estrictamente a regra para o emprego das pessoas grammaticaes, indo o verbo á 2.^a, por exemplo:—«(Tu) vens commigo?»

NOTA.—No exemplo—«V. S. está bom»—*bom* não concorda em genero com o sujeito *Senhoria*; mas é que aqui esta palavra representa *um homem*, e attende-se antes á idéa do que á escrita; dá-se uma syllepse.

A syllepse consiste na discordancia apparente de genero ou de numero ou de ambos juntos.

De genero seja exemplo o de que se trata. De numero o seguinte em que o verbo e attributo achão-se no plural e o sujeito grammatical no singular:—«A maior parte dos homens são propensos ao mal». De um e outro:—«... irião até tres mil homens, dos quaes muita parte erão gente illustre, e criados de El-rei e moradores de sua casa» (Luiz de Sousa).

V—Sobre os pronomes *nós* e *vós*.

Estes pronomes nem sempre indicão o plural.

Com relação ao pronome *nós* empregão-no os reis, bispos, escritores, etc., embora para expressar uma só pessoa.

Lopes de Mendonça disse:—«Assim saudavamos *nós* o jovem poeta que do fundo da provincia, animado apenas pelas suas irresistiveis tendencias litterarias, demonstrára, tão moço ainda, a sua dupla vocação de poeta lyrico e de poeta dramatico».

E com relação ao pronome *vós* o empregamos para com aquellas pessoas a quem tributamos respeito.

Camões disse:

—«*Vós*, poderoso rei, cujo alto imperio
O sol logo em nascendo vê primeiro, etc.»

Ácerca disto escreve o profundo Bescherelle-ainè em sua Grammatica Nacional: «*Nós* e *vós* empregados por *eu* e *tu*. Ha duas fórmulas para representar a unidade por meio do pronome pessoal; são: *eu* e *nós*, *tu* e *vós*. A delicadeza, o orgulho ou a importancia daquelle que falla, ou daquelle a quem o discurso é dirigido, faz suppôr que um só vale tanto quanto muitos. Dahi a admissão, para esse unico individuo, das palavras *vós* e *tu*, *nós* e *eu*».

VI—Sobre o ultimo caso de cada pronome —*migo*, *nosco*, *tigo*, *vosco*, *sigo*.

Estas variações servem ordinariamente de complemento circumstantial de companhia, precedidas da preposição *com*, como:—«Vou comtigo».—«Irei comvosco».

Mas acontece que ás vezes se empregão

como complemento terminativo, como em—
«Fallei contigo».

NOTA.—Entre outros grammaticos Soares Barbosa e Macedo não incluem estas variações no numero das que podem servir de complemento terminativo; mas no exemplo dado é evidente que *contigo* não exprime *companhia*, antes é um termo de relação do verbo *fallar*. E' com razão que Passos entre os diversos complementos terminativos que dá, apresenta o seguinte:—«Fallei com Pedro». E diremos que, si o complemento «com Pedro» é terminativo, com tão boa razão o é o complemento *contigo* no exemplo ácima.

VII—Sobre o emprego dos pronomes como consequentes das preposições.

Dos casos rectos *eu* e *tu* nunca se usão como consequentes das preposições, salvo quando se lhes seguem immediatamente verbos no infinito que são os verdadeiros consequentes e de que servem de sujeitos os mesmos casos.

Assim não se dirá:—«Sem *eu* ella não vae». —«Sem *tu* não sairei». Mas sim dir-se-ha:—«Sem *mim* ella não vae». —«Sem *ti* não sairei». Ou ainda:—«Sem *eu* ir ella não vae». —«Sem *tu* vires não sairei». Ou transpondo os sujeitos:—«Sem ir *eu* ella não vae». —«Sem vires *tu* não sairei».

Diz-se entretanto:—«Pedro ainda hoje o trata por *tu*», para melhor indicar o proprio tratamento que se dá.

Releva mencionar que os pronomes *eu* e *tu*

podem servir de consequentes das preposições, quando, tendo estas mais de um, sejam aquelles empregados em segundo lugar:—A conversação versava principalmente entre o dono da hospedaria e *eu*» (F. Corrêa). Enão:—«... entre o dono da hospedaria e *mim*».

E' de notar que o pronome vem ás vezes expresso e o verbo no infinito occulto:—«Depois *d'eu* (estar) morto, quer a (justiça) haja quer não» (Sá de Miranda). O adj. *morto* faz desaparecer o que haveria de desagradavel nesta ellipse.

VIII—Sobre o emprego do mesmo pronome um no caso recto, outro no obliquo, quando ambos devêraõ estar neste ultimo, repetidos por pleonasm.

—«*Eu* parece-me que te vi» por—«*A mim* parece-me que te vi», ou simplesmente—«Parece-me que te vi».

Eu, como caso recto que é, seria o sujeito da oração principal onde está; mas, sendo o verdadeiro sujeito della, a oração completiva «que te vi», claro é que tal exemplo não soffre analyse.

Encontrão-se todavia em nossos classicos exemplos taes:

—«*Eu* que cahir não pude neste engano
(Que é grande dos amantes a cegueira),
Enchêrão-me com grandes abundanças
O peito de desejos e esperanças» (Camões).

—«*Eu* que não perdi com os olhos um só movimento dos que os seus fazião, me *pa-*

receo tudo que tinha visto sombra de graça e brandura» (R. Lobo).

—«*Eu*, senhora, depois que deixei o lugar que tinha aos pés d'El-rei e de Vossa Magestade, nunca mais me *foi* necessario nada, por que naquelle sacrificio renunciei tudo, nem o mundo tem que me dar, depois que me deo quanto tinha, etc.» (Vieira).

Modernamente empregou semelhante construcção Garrett:—«.. ás apalpadellas quanto aos periodos *eu parece-me...*» (ex. citado por Brou).

Outr'ora constituía uma tal construcção um idiotismo, porém hoje cahio em desuso, e é geralmente reprovada.

A' semelhança d'ella podemos citar os seguintes exemplos que ninguem certamente desejará imitar, nem considerará uma belleza:

—«*O qual junco* (em lugar de—*o dito junco*, sendo antiquado o emprego do conjunctivo no começo do periodo, á frente da oração principal), tanto que passou o banco de arêa e foi surto um pedaço da ponte, começou a artilheria dos mouros a descarregar *nelle*» (João de Barros).—«*O outro Plasson* andava *o seu* nome no bico dos passaros» (R. Lobo).

O qual junco parece sujeito de um verbo que não apparece, e o mesmo se dá com *o outro Plasson*; não obstante, o sentido mostra que um e outro são complementos regidos de preposições e repetidos por pleonasmos. «*O qual junco* começou a artilheria dos mouros a descarregar *nelle*» está por—«*No qual junco* começou a artilheria dos mouros a descarregar *nelle*», ou supprimindo um dos complementos,

por—«*No qual junco* começou a artilheria dos mouros a descarregar».

«*O outro Plasson* andava o seu nome no bico dos passaros» está por—«*Do outro Plasson* andava o seu nome no bico dos passaros», ou supprimindo um dos complementos por—«*Do outro Plasson* andava o nome no bico dos passaros».

NOTA 1.^a—«Que *cahir* não pude neste engano» está por—«Que *penetrar* não pude neste engano»; significação diversa da commum dada a este verbo.

Disse João de Barros:—«A qual cousa, depois que Hidalcão *caiu* nella, assim o atormentou, além da perda de tamanho estado, e de tanta injuria, como nelle recebeo por duas vezes, que, partido elle capitão-mór para Malaca, mandou cercar aquella cidade».

NOTA 2.^a—Pleonasmo. Redundancia de palavras para se explicar o conceito, que todavia dá alguma belleza ou energia à phrase» (Veja-se o n.º 9).

«Perissologia. Vicio que consiste na cadencia inutil de palavras»:—«...sem reservar tempo e logar para a dôr e lagrymas dos filhos e maridos que virão expirar *com seus olhos*» (J. Freire).—«Assim como os alamos sobem muito *para cima*, mas não dão fructo; assim as palavras dos vangloriosos sobem em seus louvores sem aproveitarem em seus costumes» (Heitor Pinto).

E' perissologia: preferir antes por preferir isto áquillo (antes é adv. de preferencia, e esta

ja é expressa pelo verbo); mas comtudo, mas porêm, formando locução por comtudo, mas ou porêm; muito pessimo por pessimo, superlativo; mais inferior, mais superior por inferior, superior, comparativos; sair para fóra, entrar para dentro, podendo entretanto dizer-se sair para fóra *do quarto, de casa, etc.*

Não é perissologia o empregar-se um verbo com seu substantivo cognato, uma vez que este esteja modificado por um qualificativo ou determinativo ou mesmo por um complemento, oração ou expressão qualquer que desfaga *a redundancia*:—«Os indios *danzavão suas danças guerreiras*» (exemplo que tenho de memoria, do conego F. Pinheiro).—«*Sonhei o mesmo sonho*» (Idem de Garrett).—«*Vivestes vida de combates*» (A. Herc.).—«Os teus muros se converterão em um circo; pelas praças e ruas *pelejar-se-hão pelejas como de gladiadores, combates como de mastins e fêras*» (O mesmo).

NOTA 3.^a—Pretende o Sr. Julio Ribeiro que seja uma belleza de nossa lingua o emprego do pronome ja no caso recto ja no obliquo com verbos unipessoaes, como *parecer, querer—parecer*.

«Com os verbos *parecer* e *querer—parecer* (composto), diz elle, empregão-se pleonasticamente e de modo como que anti-grammatical os pronomes substantivos da 1.^a pessoa do singular e do plural em relação subjectiva, exemplo:—*Eu parece-me que Pedro é rico—Nós quer-nos parecer que não vamos.*

Este uso, autorisado pelo fallar do povo e mesmo por escritores como Garrett, não exige grande somma de attenção para ser enten-

dido: é um jogo de rhetorica instinctiva. A pessoa que falla, faz uma reticencia depois do pronome, e muda de phrase. Este modo de expressão torna-se clarissimo assim pontuado:—«*Eu... parece-me que Pedro é rico—Nós... quer-nos parecer que não vamos.*»

Em vez, pois, de ser êrro, é uma figura cheia da naturalidade e belleza».

No emtanto pensamos que, si na conversação familiar, quando descuidados fallamos, empregamos um caso recto, por exemplo, *eu*, fazemos uma pausa que denota uma como correccão, e depois usamos da fórma unipessoal *parece-me*, longe está isto de constituir regra para uma escrita correctá e elegante.

Justificamos nossa opinião transcrevendo para cá o que a respeito disto escreve o illustre autor do *dicc. gramm.* Tratando da estancia de Camões por nós citada, assim se exprime elle:

«Na 2.^a estancia dá-se uma irregularidade grammatical, a do pronome *eu*, no 5.^o verso sem verbo de que seja sujeito, pois o de *pude* é o relativo *que* e, tirada a phrase incidente, fica a principal assim: *Eu encherão-me com grandes abundanças o peito de desejos e esperanças*, sendo o sentido total semelhante ao da outra estancia: *O capitão... delle mui largamente se informava*, etc. Mui natural e logicamente se faz ácerca do pronome *eu* no dito verso, a seguinte investigação para conhecer a relação em que elle se acha: *Eu que cahir não pude neste engano succedeo-me alguma cousa.* Ora, existindo antigamente o idiotismo *eu pa-*

rece-me (de que falla Moraes e ainda é vulgar) em vez de *a mim parece-me*, como se diz formando pleonasma, não resta duvida que, tambem por idiotismo, *eu está por a mim*».

.....
 «Uma das fórmãs do ultimo idiotismo de que tratamos é *Eu parece-me* (ja pouco usado), em vez de *A mim parece-me*, ou simplesmente «*Parece-me*».

«A irregularidade *eu parece-me* é hoje reconhecida um solecismo que cumpre evitar».

NOTA 4.^a—«Idiotismo (Do latim *idiotismus*, linguagem familiar). Construcção particular das locucões ou phrases de qualquer lingua quasi sempre contraria á grammatica geral, mas que distingue entre si os idiomas» (fr. D. Vieira).

São principaes idiotismos da lingua portugueza o emprego do verbo *haver*, unipessoal, no sentido de *existir*; o infinito pessoal; a ellipse frequente do pronome-sujeito; o emprego do «se» como particula apassivadora; a oração de participio construida na ordem inversa; as construcções:—«Eu é que digo»—«Nós é que fallamos» e outras identicas; expressões como esta:—«O cão do criado» equivalente a est'outra:—«O criado que tem as qualidades más de um cão»; a conversão em reflexos de verbos intransitivos, como:—«Pedro foi-se embora», conversão esta em outros tempos muito usada com outros verbos, como:—«Daqui me parto sem detença»; a ordem inversa predominante entre nós quer quanto aos termos das proposições quer quanto á collocação destas; a construcção:—«Fui eu o

«me fallei» em lugar de —«Fui eu o que fal-
», etc.

Sobre a repetição por elegancia de um
complemento, vindo ordinariamente
no principio do periodo ou da oração e
tão depois do verbo.

Este modo de dizer portuguez constitue um
pleonasmo, e acha-se autorisado por nossos
melhores escritores.

Exemplos: —«*Os grandes feitos que os por-
tuguezes obráraõ neste dia o Oriente os diga*»
(em lugar de—«O Oriente diga os grandes fei-
tos que os Portuguezes obráraõ este dia»).

(J. Freire).

—«*Esta obra comecei-a eu*» (em lugar de
—«Eu comecei esta obra»).

(F. Corrêa).

—«Qual parida leõa fera e brava
Que *os filhos* que no ninho sós estão,
Sentio que, enquanto pasto lhe buscara,
O pastor de Massylia lh'os furtara:

Tal, etc. («Que os filhos o pastor de Massylia
lh'os furtára» em lugar de—«Que o pastor de
Massylia lhe furtára os filhos»).

(Camões).

—«Balbuciaste emfim, e *os sons informes que
te deo a natureza*, nós os convertemos em arti-
culações regulares» («E os sons informes que
te deo a natureza, nós os convertemos em
articulações regulares» em lugar de—«Nós

convertemos em articulações regulares os sons informes que tē deo a natureza»).

(Garrett).

—«Mas a quem não faz profissão de artes, convem-lhe, no estado actual dos conhecimentos humanos, descer do estudo das sciencias para o das artes» («Mas a quem não faz profissão de artes convem-lhe, etc.» em logar de—«Mas convem a quem não faz profissão de artes, etc.»).

(O mesmo).

—«A historia é perfeição e complemento da educação moral, porque nos serve como de espelho em que *nos* estudamos a *nós*, estudando os nossos semelhantes» («Nos estudamos a nós» em logar de—«Estudamo-nos»).

(O mesmo).

—«Eis ahi como *a mim me* parece que se deveria arranjar este livrinho» («A mim me parece» por—«Me parece» ou—«Parece a mim»).

(O mesmo).

—«Qual eu fiquei não m'o ouvirás» (em logar de—«Não me ouvirás qual eu fiquei»).

(A. F. de Castilho).

—«A mão que escreve com orgulho o nome herdado dos seus avós abençoá

o artista humilde que *se* elevou *a si* pelos espiendores do talento e pelas excellencias do coração» («Que se elevou a si» por—«Que se elevou, etc.»).

X.—Sobre a ellipse do pronome, quando serve de sujeito.

Em regra geral convem no portuguezs a ellipse do pronome pessoal por ser contrario á indole de nossa lingua o constante emprego delle.

No emtanto, como bem observa o douto frei Francisco de S. Luiz, em inuitos casos podemos usal-o, sem êrro, nem resaibo de gallicismo, e é mesmo indispensavel seu emprego nos tres seguintes casos:

1.º Quando se põe um pronome em opposição a outro:—«Eu trabalho, e tu dormes».

2.º Quando o pede a emphase ou o ornato do discurso:—«Deus é digno do nosso amor; elle manda que o amemos; elle o pede: elle até o solicita».

3.º Quando sem a expressa declaração do pronome, ficaria escura ou ambigua a phrase ou ainda suspensa por algum tempo sua verdadeira intelligencia, como succede, por exemplo, em:—«Ainda que tivesse toda subtileza de espirito, que se pôde desejar nas mais agradaveis sociedades; bem que tivesse composto obras em que brilhasse todo o fogo da imaginação e do engenho; quando tivesse inventado systemas capazes de emmudecer e admirar o Universo; ainda que tivesse formado projectos dignos de sustentar ou realçar os imperios...; si não tenho por objecto a re-

ligião, a minha alma perde os seus trabalhos, etc.».

Neste exemplo, diz frei Francisco de S. Luiz, o verbo *tivesse* repetido quatro vezes nos quatro membros do periodo, devia ser determinado desde o principio pelo pronome *eu*, sem o que fica por muito tempo suspenso o verdadeiro sentido do discurso e o leitor ignorando a que pessoa se refere aquelle verbo.

NOTA 1.^a—«Gallicismo (deriva-se do nome Gallia dado antigamente a França, e quer dizer: construcção ou locução propria da lingua franceza, transferida para outra lingua. Tambem se chama gallicismo a introduccão de palayras francezas, como *bouquet* (ramalhete); *costume* no sentido de *vestuario*; *debute*, *debutar* por *estrea*, *estrear*)» (Passos).

E' gallicismo o emprego do «Se», pronome indefinido, como sujeito:—«Quando *se* é bom, é-se estimado de todos» por—«Quando *alguma* pessoa é boa, é estimada de todos» ou ainda—«Quando somos bons, somos estimados de todos»; o dar complemento indirecto a verbos transitivos, como:—«Eu não lhe disse *de vir hoje aqui?*» em lugar de—«Eu não lhe disse *que viesse hoje aqui?*»; o emprego do artigo antes e depois do nōme:—«A moça *a* mais bonita es tu» por—«A moça mais bonita es tu»; o uso do verbo auxiliar em lugar em que a accção não é repetida, mas antes praticada por uma só vez; assim, tratando alguem de um livro que comprou, deve dizer:—«*Comprei* um livro», e não—«*Tenho comprado* um livro»;

ao passo que póde dizer:—«*Tenho dado esmo-*las» si de facto o tem feito por varias vezes; «*Teve logar*» por—«*Deo-se, fez-se*»; «*Que de mal-*dade, *que de scenas tristes*» por—«*Quanta mal-*dade, *quantas scenas tristes*»; «*Não quero este* livro, mas sim *um outro*» em vez de—«*Não que-*ro este livro, mas sim *outro*»; «*O homem de* quem as virtudes, &» por—«*O homem cujas vir-*tudes, &»; «*Ás dez e meia horas*» por—«*As dez* horas e meia»; «*Quero isto antes que aquillo*» por—«*Antes quero isto do que aquillo*»; «*Digo com José*» por—«*Digo como José*»; «*Ouvertura*» por—«*Symphonia*»; «*Mise em scene*» por—«*Scenario*»; «*De resto*», le cução conjunctiva hoje muito empregada entre nós no sentido de—«*Finalmente*»; o verbo «*Garantir*» por—«*Af-*firmar, *asseverar*»; «*Chefe dobra*» por—«*Obra* prima»; «*Emquanto que, durante que*» por—«*Emquanto, durante*», etc.

NOTA 2.^a—«*Ambiguidade ou amphibologia*. Vi-
cio pelo qual se dá tal construcção á phrase
que apresenta esta dois sentidos diversos»
(Dr. C. Ribeiro).. Exemplos:—«*José deu a*
Maria seu livro». Livro de quem? De *José* ou
de *Maria*? No 1.^o caso diriamos:—«*José deu*
seu livro a Maria». No 2.^o:—«*José deu a Maria*
o livro della».—«*O ledo amante o touro bus-*ca». O sentido mostra que esta phrase deve-
se entender assim:—«*O ledo amante ao touro*
buseca», e não:—«*Ao ledo amante o touro*
buseca».

XI—«*Eu é que fallo*».—«*Tu é que irás*».—
«*E le é que virá*».

Estas phrases envolvem aparentemente um

solecismo, mas ellas devem ser acceitas como verdadeiros idiotismos da lingua portugueza, e encerrão em si uma ellipse e um hyperbato.

Desfeito o hyperbato, teremos:—«E' que eu fallo».—«E' que tu irás».—«E' que elle virá».

Os pronomes são portanto os sujeitos das orações completivas, e não do verbo «é», cujo attributo se acha occulto (*facto* ou outro qualquer accommodado), e cujos sujeitos são as mesmas orações.

E' de Rodrigues Lobo, Côrte na aldêa, o seguinte exemplo:—«e *vós* é razão que com a decencia e commodidade que vossa pessoa e qualidade requer, vos *deis* a conhecer, etc.», equivalendo a—«...e é razão que com a decencia e commodidade que vossa pessoa e qualidade requer, *vós* vos *deis* a conhecer, etc.».

José Alexandre Passos diz que este idiotismo ainda se acha em voga, mas que é uma irregularidade que convem ser substituida por outra menos repugnante, e para isso lembra em logar da phrase—«Eu é que sou» est'outra—«Sou eu quem sou». Diriamos então em relação aos exemplos dados:—«Sou eu que fallo».—«E's tu que irás».—«Será elle que virá».

Com serem estas phrases mais euphonicas, não se segue que aquellas sejam de todo intoleraveis; todavia não as empregaremos com frequencia, porque encerrão em si uma falta de concordancia apparente muito desagradavel.

NOTA 1.^a—«Ellipse. Figura grammatical que

consiste em supprimir alguma palavra que houvera de declarar-se para a phrase ou sentença por inteiro, mas que do sentido e contexto se tira e suppre» (Moraes):—«Que queres?» isto é—«*Eu pergunto que cousa queres?*».

Diz Sotero em suas Postillas de Grammatica Geral que a ellipse consiste na suppressão de uma ou mais palavras que *facilmente* se subentendem pelo sentido. Não é tanto assim: algumas ha bem difficeis; parece-nos assim demais o adverbio *facilmente*.

«O abuso da ellipse chama-se *obscuridade*» (Passos). Veja-se o exemplo de que trata Frei Francisco de S. Luiz, caso 3.º do n.º 10.

NOTA 2.ª—«Hyperbato. Consiste na transposição de palavras com ou sem perturbação da ordem grammatical; e comprehende a anastrophe, a tmesis, o parenthesis e a sychisis» (Sotero).

«A anastrophe consiste na ordem prepos-tera ou avêssa das palavras» (o mesmo):—«*A todos pareceo que devião cobrir seus aggravos com uma paz fingida, esperando que o tempo lhes mostrasse monção mais opportuna para, com as forças de alguns reis offendidos, acommetter o estado juntamente*» (J. Freire).

«A tmesis consiste na divisão das palavras compostas por outra que se mette de permeio» (o mesmo):—«*Far-te-hei*» por—«*Hei de fazer-te*». Outros escrevem—«*Far-te-ei*» em lugar do futuro simples—«*Farei*» modificado do complemento *te*. Em ultima analyse—«*Hei de fazer-te*» ou—«*A ti farei*» valem, quanto ao sentido, mais ou menos, a mesma cousa. A 1.ª

orthographia é comtudo mais seguida, e de accôrdo com ella está a definição.

Em «*Far-te-hei*» não se dá só a tmesis, mas ainda as seguintes figuras: anastrophe pela transposição do auxiliar «*Hei*» para o fim; syncope por estar «*Far*» por «*Fazer*», e ellipse por ter sido supprimida a preposição «*De*».

Sem attênder para a transposição que se dá no emprego da tmesis, considerão-na alguns grammaticos uma figura de dicção.

«O parenthesis consiste num sentido interposto noutro, é especie de hyperbato muito mais frequente na prosa que na poesia, e unicamente toleravel, quando a phrase interposta é mui curta» (O mesmo):—«Os epithetos (proseguio Leonardo) ou servem para descripção e declaração das cousas ou para propriedade ou para ornamento e enfeite dellas» (Rodrigues Lobo).

Modernamente empregão-se virgulas para indicar o parenthesis, quando elle é curto:—«Os epithetos, proseguio Leonardo, ou servem para descripção e declaração das cousas ou para a propriedade ou para ornamento e enfeite dellas».

«A synchisis consiste na ordem confusa das palavras ou na transposição destas com perturbação da ordem grammatical; é especie de hyperbato que tem algumas vezes cabimento no verso para produzir effeito imitativo, e não se tolera na prosa que deve primar pela clareza» (o mesmo):—«Entre todos co'o dederas notado — Lindos moços de Arzilla em galhardia» (Entre todos os lindos moços de Arzilla eras notado co'o dedo em galhardia).

XII—Sobre a traducção das locuções francezas *lui-même, elle même*:

Errão aquelles que as traduzem litteralmente *elle mesmo, ella mesma*.

—«José, elle mesmo, virá» («O proprio José virá»).

—«Esthér, ella mesma, me disse isto» («Foi a propria Esthér quem me disse isto»).

—«Antonio, elle mesmo, dará a resposta» («Antonio dará por si mesmo ou em pessoa a resposta»).

Diz-se entretanto:—«Foi elle mesmo quem intencionalmente prejudicou-me»; mas *elle mesmo* aqui não é um apposto como nos casos antecedentes.

NOTA.—Nome apposto, define o illustre Dr. Ernesto Carneiro Ribeiro, é qualquer palavra que vindo immediatamente após outra, exprime com esta uma só e mesma pessoa ou cousa.

O apposto póde estar ligado á palavra a que modifica sem intervenção alguma de virgula como: O rio *Amazonas*, o imperio *Brazil*; ou póde requerer esta, como: Tito, *delicias de Roma*; o *Brazil*, *imperio mui vasto e rico*.

Todo o apposto se póde resolver em oração incidente:—O rio *que é chamado Amazonas*, etc.

A's vezes precede ao apposto a preposição *de* que é apenas euphonica v. g. «João *de* Castro» em lugar de—«João Castro».

Podemos resolver em um apposto o *vocativo* dos latinos a que Sacy chama *compellativo* e Poitevin, *apostrophe*, nos casos seguintes:

1.º Quando vem como sujeito apparente de um verbo, cujo sujeito real é um pronome elliptico:—«Pedro, dize a verdade». O sujeito grammatical-de *dize* é *tu*, e o logico ou total *tu Pedro*.

2.º Quando haja na phrase algum complemento que exprima a mesma cousa ou pessoa que a indicada pelo nome em apostrophe; fazendo-se do mesmo nome um apposto do complemento:—*José, só em ti confio*. «*Em ti*» é o complemento terminativo grammatical de *confio*; e *em ti José*, o logico.

No exemplo:—«*Pedro, tua roupa virá amanhã*» consideramos «*Pedro*» um apposto de «*de ti*» a que corresponde o possessivo «*tua*».

Fóra destes casos o *apostrophe* constitue uma oração, enteudendo-se o verbo *ouve, ouvi; attende, attendei*; ou outro qualquer accommodado ao sentido:—«*Senhores: vou occupar-me hoje de uma questão que a todos nós interessa*». *Senhores* aqui fórma uma oração dita de vocativo, e completa-se:—«*Senhores ouvi-me vós*». Às vezes o *apostrophe* é precedido da interjeição *o*.

Chamão-se particularmente *complementos concordados* certos adjectivos que exercem a função de complementos, submettendo-se ás regras de concordancia, ás quaes se não subordinão os regidos pelas preposições.

O complemento concordado póde ser *um adjectivo qualificativo, um possessivo, o adjectivo conjunctivo cuja*, etc.

Exemplos:—O homem *honrado* (o homem de honra ou que é honrado); os circulos *pol-*

lares (os circulos do pollo ou que são pollares); *vi sua casa* (vi a casa delle); o livro *cujo* dono, & (o livro do qual o dono).

O possessivo, o conjunctivo *cujo* (mais conhecido por *pronomo relativo*) equivalem ao complemento restrictivo; o qualificativo á cração incidente e ao mesmo complemento restrictivo, segundo explica Sotero.

XIII—Sobre o logar que devem occupar o pronome pessoal e o adjectivo pronominal.

Quando forem complemento, attenda-se para a euphonia; repugna dizer:—*Amarei-te*, devendo neste caso antepor-se o pronome:—*Te amarei* ou usar da tmesis,—*Amar-te-hei*, ou ainda variar *te* para *a ti*—*Amarei a ti*.

As vezes supprime-se o *s* final do verbo—*Vamo-nos*; ás vezes converte-se essa consoante por outra mais euphonica—*Fizestel-a* por—*Fizestes-a*.

Quando o pronome é sujeito, deve em geral vir depois do verbo, de accôrdo com a indole de nossa lingua que prefere a ordem inversa á directa, mormente estando o verbo no imperativo ou infinito; comtudo nestes mesmos modos ha excepções:

—«E vós, Tagides minhas, pois creado
Tendes em mim um novo engenho ardente,
Se sempre em verso humilde celebrado
Foi de mi vosso rio alegremente:
Daê-me agora um som alto e sublimado,
Um estylo grandiloquo e corrente;

Porque de vossas aguas Phebo ordene
Que não tenham inveja ás de Hippocrene».

(Camões).

—«Escusada era a tua 2.^a carta salvo o caso de *eu não ter recebido* a 1.^a».

Prefere-se ainda a ordem inversa nas orações interrogativas, exclamativas, nas de participio, nas do conjuntivo—negativas com a força de imperativo (vem tu, dizemos no imperativo, e se apparece a negação—não venhas tu, no conjuntivo, e não—não vem tu).

NOTA 1.^a—Em «vamo-nos» por «vamos-nos» e em «fizestel-a» por «fizestes-a» dão-se duas figuras de dicção.

As figuras de dicção (que são certas alterações nas palavras sem mudar-lhes o sentido) são estas, além da crase de que já nos occupamos;

Apherese supprime uma letra ou syllaba no principio da palavra (inda por ainda, té por até); *syncope* no meio (dina por digna, imigo por inimigo, cuidadoso por cuidadoso, soidão por solidão, desaparecer por desapparecer, mór por maior, vamo-nos—que na pronuncia fórma uma só palavra—por vamos-nos); *apocope* no fim (dês por desde; grau por grande, grão é irregular; de santo usa-se são, e não san); *prothese* acrescenta no principio (descantar por cãutar, atambor por tambor); *epenthese* no meio (Mavorte por Marte) *paragoge* no fim (martyre por martyr); *syneresese* é a contracção

na pronuncia de duas vogaes que constituão syllabas distinctas, em uma só, formando ditongo no verso (glo-ria por gló-ri-a); *systole* é a figura pela qual se torna breve uma palavra longa (em lugar de Protêo empregou Camões Prôteo); *diastole* é aquella em que da palavra longa se faz breve (o mesmo poeta empregou Idolátra em lugar de Idólátra); *ecthlipse* supprime no verso o *m* final de uma palavra começando a seguinte por vogal (co'o ferro em lugar de com o ferro,—supprimem ás vezes as duas ultimas letras da preposição *com*); *synalepha* supprime a vogal final de uma palavra, quando a seguinte começa tambem por vogal (dos, delle); *metathese* consiste na troca de uma consoante por outra mais euphonica, dando-se em alguns casos a suppressão de uma vogal (na casa por em a casa que tambem se usa, si bem que menos vezes; fizestel-a por fizestes-a; amal-o por amar-o).

Quando se dá a *synalepha*, emprega-se o *apostropho* ('), supprimindo-se no emtanto este signal nas palavras muito curtas, como em *do, delle*. E' inconveniente o abuso desta figura; todavia muitos escrevem hoje, sem que nos tentem a imital-os, *send'o acto, houv'antigamente*; taes *synalephas* se não encontram em nossos bons prosadores.

No exemplo da *metathese* dado *na casa por em a casa* supprimio-se o *e* da preposição *em*, e trocou-se o *m* em *n*.

Alguns grammaticos dizem que em «amal-o» dá-se uma antithese e em «no» uma apherese; mas a antithese é em rhetorica a figura que consiste no contraste de idéas (*pequeno na*

estatura, *grande* na coragem). Para que se lhe attribuir outro sentido? Quanto á apherese por si só não concorreria para a troca do *m* em *n*. Dizem que a metathese consiste, por exemplo, no emprego de *cravão* por *carvão*, mas isto nunca se dirá com razão é uma figura; não passa de um êrro crasso, grosseiro. É incorrecto o emprego do apostropho, quando se dá a metathese, por exemplo, depois do *n* de «*nesto*», porque ahí nenhuma suppressão de vogal se faz; outros o empregão onde effectivamente se faz a suppressão «*nesto*»; comtudo julgamos preferivel escrever *nesto*, sem o apostropho.

E' de notar que no emprego de *cravão* por *carvão* dá-se um *barbarismo* que consiste:

Na introduccão de palavras estranhas á lingua, isto é, no emprego do *perigrinismo* no qual se comprehende o *gallicismo* (*meeting* e *splen*, palavras inglezas que significão reunião popular, *hypocondria*; *imbroglio*, palavra italiana correspondente a desordem, confusão; *bouquet*, palavra havida do francez e correspondente no portuguez a ramallete, *carnagem*, do francez, no sentido de carnificina);

Em êrro de pronuncia e de orthographia (sêjamos por sejâmos; *truxe* por *trouxe*; *creatura* boba por *creatura* bobo; *mulher* *monstra* por *mulher* *monstro*; *benção* por *bênção*; *gommar* por *engommar*; *prenha* por *prenhe*; *padreco* por *padreca*; *sem* *vergonho* por *sem* *vergonha*; *sovino* por *sovina*; *púdica* por *pu-dica*; *amasteis* por *amastes*, sendo o singular *amaste*; *cravão* por *carvão*; *carácteres* por *caractères*, sendo o singular *carácter*; *interim*

por intérim; bacatela por bagatela; dacta por data; dicto por dito; cathecismo por catecismo; contheudo por conteúdo; gatimônhas por gatimanhos; mais por mas, conj.);

Em dar a uma palavra significação que ella não tem (confeccionar, fazer confecção, no sentido de organizar; tambem conj. copulativa, empregada por necessariamente—: «O n.º primo que divide um producto de dous factores e é primo com um delles, divide tambem o outro»; mas sem ser no sentido adversativo —«Como pôde uma mulher ser enganada? disse eu a Miss Laura, ao acabar de ler *Adolpho*. Mas quando ella ama, respondeo-me Miss Laura»);

No uso de palavras antiquadas ou *archaismos* (soer por costumar; asinha por depressa; quiçá por talvez).

Arcaismos ha toleraveis empregados a proposito e competentemente, como *soe, soem*, ainda hoje usados. Á proporção que se vão umas palavras e mesmo phrases tornando antiquadas, outras novas se vão creando, chamadas *neologismos*. De muita autoridade carece o escritor para introduzir palavras ou phrases novas em uma lingua.

Barbarismos ha que, alterando a pronuncia, alterão tambem a orthographia (anasteis); outros sómente alterão esta (cathecismo); outros apenas aquella (sê,amos).

São antiquadas as maneiras de escrever certas palavras, como he por é, hia por ia; Agosto, Setembro, etc. por agosto, setembro, etc., sendo os nomes dos mezes substantivos appellativos, como o diz o Sr. A. F. de Castilho em

sua obra sobre a pontuação, parecendo esta opinião rasoavel, porque, por exemplo, janeiro designa o 1.º mez de qualquer anno, e não sómente o de um determinado anno.

Releva na escrita distinguir as palavras *homophonas* (teem a mesma pronuncia, mas escrevem-se com alteração nas letras)—cessão (acto de ceder), sessão (reunião), secção (parte de um todo); pena (trabalho, castigo, etc.), penna (de escrever, de aves)—bem como as *homographas* (escrevem-se com as mesmas letras, admittindo distincção no accento)—fervido (simples adjectivo), fervido (part. passivo); pregar (segurar com pregos); prégar (fazer sermão). As *homonymas* propriamente (que teem o mesmo nome e significação diversa) nenhuma distincção admittem; manga, por exemplo, pôde ser de nuvem, de vento, de vidro, do verbo mangar, de camisa, fructo de mangueira, mas escreve-se sempre da mesma fôrma. João tambem representa mais de um individuo sem variar de fôrma. Como o uso constitue lei, ás vezes onde se pôde fazer a distincção com o accento, deixaõ-na de fazer; por exemplo é commum escrever *forma* para designar as diversas acceções em que pôde ser tomada esta palavra em sua significação, quando poderiamos distinguir fôrma (maneira, etc.) de fôrma (molde). Não seria máo adoptar a distincção, sempre que fosse possível.

E' claro que escrever sempre v. g. pena ou escrever penna onde caberia pena, é um verdadeiro barbarismo, quanto á orthographia.

A'cima condemnamos o emprego de *mais*

como conjunção no sentido adversativo, mas cumpre dizer que *mais* tem a força de conjunção no sentido da copulativa *e*:—João mais Antonio—Pagará isto... mais aquillo.

NOTA 2.^a—Em «amarei-te» dá-se um cacophato também chamado cacophonia que frei D. Vieira assim define: «Em grammatica, combinação desagradavel de palavras no discurso. Reunião de syllabas de diferentes palavras que se ligão de modo que formão uma palavra chula ou obscena». Sejam ainda exemplos deste vicio gram.:—«*com nada* me involvo». —«*Vel-o ca vae...*» (Camões).—«*...por rosto de alabastro se vão todas ao duque de Alencastro*» (O mesmo).—«*...se sacrifica uma muito grande quantidade de aves e de animaes silvestres, dando pôr razão que, etc.*» (Fernão Mendes).—«*Nesta prisão ha continuamente, por requerimento d'el-rei 300 mil homens*» (O mesmo).—«*...era impossivel ter noticia do successo...senão por revelação*» (Luiz de Sousa). Brou traz os seguintes exemplos:—«*Este amor com que m'âmaste*».

—«*Has no dizer tantas graças
Que as não posso aqui contar*».

—«*Mas morra emfim nas mãos das brutas gentes*».

—«*Em Meca cada qual se apresentava*».

—«*Tens-me ja dado amor bastantes penas*».

—«*Te puder arrancar desta alma minha*».

—«*Alma minha gentil que te partiste*».

—«*Soffrer aqui não pôde o Gama mais*».

—«*Entrando a boca já do Tejo ameno*».

NOTA 4.^a—Si escrevessemos «*vamos-nos*», e não «*vamo-nos*» commetteriamos um *echo*.

«Echo é a concorrência de sons iguaes próximos ou successivos. Ex:—De longe *vim* para que de *mim* emfim *fizesses* confiança» (Gram. F. Lopes).

XIV—Sobre a ellipse especial do pronome nós representado na oração por alguma palavra que se resolve em um apposto do mesmo pronome.

Observa-se isto nos seguintes exemplos:—
 «(Nós) todos os filhos de Adão padecemos nossas mutilações e fealdades» (Bernardes).
 —«O vivo interesse que (nós) todos os bons portuguezes tomamos na muito honrada tarefa de que V. Exc.^a foi incumbida, confio que me ha de desculpar na liberdade de me dirigir assim a V. Exc.^a» (Garrett).—«Em qualquer grau da sociedade em que nos ponha a sorte, (nós) todos carecemos de educação intellectual, mas nem todos (nós) igualmente» (O mesmo).
 —«Aos que (a nós os que ou a nós que) hoje escrevemos de taes materias, incumbe-nos tarefa de menos gloria» (O mesmo).—«Mas a historia nossa propria e da qual mais cumpre tirar bons documentos para a educação de um principe é a dos povos (isto é—de nós os povos) que hoje vivemos e que todos por semelhança de instituições, communhão de religião, parentesco de sangue e affinidade de linguagem, nos parecemos mais ou menos uns com os outros» (O mesmo).

NOTA.—«Todos *carecemos* de educação intellectual, mas nem todos igualmente» está por—

«Todos *carecemos* de educação intellectual, mas nem todos *carecemos* igualmente». Dá-se aqui uma zeugma.

«Zeugma, define o Dr. E. C. Ribeiro, é uma figura pela qual uma palavra já expressa em uma oração se subentende na outra que lhe é analoga ou ligada». Diríamos antes como Moraes: «Figura de grammatica, na qual o mesmo verbo ata duas proposições». «Em razão desta figura, diz Passos, deixa-se muitas vezes o verbo no singular concordando com varios sujeitos tambem deste numero, quando são nomes de cousas inanimadas, maxime sendo synonymos ou quasi synonymos v. g. «A necessidade, a pobreza, a fome, a falta do necessario para o sustento da vida, é o mais forte, o mais poderoso, o mais absoluto imperio que despoticamente domina sobre todos os que vivem». Nesta phrase total cada um dos quatro nomes por sua vez é sujeito do verbo é». Sotero assim se exprime em suas Postillas de Grammatica Geral ácerca da zeugma: «Nesta especie particular de ellipse subentende-se tantas vezes o verbo, *accommodado ao numero de cada um dos sujeitos*, quantas são as proposições por elle reguladas».

«Ha casos em que varia o numero do sujeito, e com elle o do verbo subentendido, como se observa nesta passagem: «Voáraõ duas aguias; *esta*—do Oriente; *aquella*—do Occidente»; isto é: «Voávãõ duas aguias; *esta* voou do Oriente; *aquella* voou do Occidente». Póde variar tambem a pessoa: «Tu es, Revelação santa e divina, antiga como o mundo—é antigo—» (S. Caldas).

XV—«*Te* vi hontem a tarde».—«*Me* dá aquelle livro».—«*Nos* visita».—«*A* trazião».—«*A* (referindo-se a pousada) não quiz acceitar D. Fernando» (J. Freire).

São incorrectas estas phrases, porque foram começadas por casos obliquos do pronome não precedidos de preposições e pelo adjectivo pronominal, complemento.

Dir-se-ha:—«*Vi-te* hontem a tarde».—«*Dá-me* aquelle livro».—«*Visita-nos*».—«*Trazião-na*».—«*Não a* quiz acceitar D. Fernando».

Si o caso obliquo for precedido de preposição, póde vir para o principio da phrase:—«*A mim* me parece, disse Leonardó, que os attributos mais importantes ao embaixador e que sempre nelle devem andar annexos, são esforço e entendimento» (R. Lobo).

Si o caso obliquo não se acha á frente da phrase, póde vir antes do verbo:—«O sol oriental, que ora bate formoso e alegre no pavimento da igreja, afflige a minha alma, porque *me* parece que allumiando esta terra condemnada, *se* assemelha a homem cruel que viesse dar uma risada junto ao leito do moribundo» (A. Herc.).

NOTA 1.^a—O *n* que precede o adjectivo pronominal em «*Trazião-na*» é euphónico, porque dar-se-hia um *hiato* sem elle—«*Trazião-a*». Às vezes tambem o empregão vindo o pronominal antes:—«De fazer de Lisboa nova Roma não *no* póde estorvar» (Camões).

«*Hiato* (latim *hiatus*, de *hiare*, bocejar, abrir a boca)—pronuncia difficultosa que resulta

do concurso de vogaes entre duas palavras, formando um som pouco agradável» (Passos).

NOTA 2.^a—Os pronomes que se juntão aos verbos, pronunciando-se de uma só vez, bem como o adj. pron., são pâlavras enclíticas—Dize-*lhe* tudo—fal-*a* vir. Carecem de accento prosodico.

XVI—Sobre a variação do caso «*lhe*» em numero.

Modernamente «*lhe*» fórma no plural «*lhes*»; noossos antigos escritores, porém, empregáraõ sempre «*lhe*» para ambos os numeros:

—«Vês este que saindo da cilada
Dá sobre o rei que cerca a villa forte,
Ja o rei tem preso e a villa discercada,
Illustre feito digno de Mavorte!
Vel-o ca vae pintado nesta armada,
No mar tambem *aos mouros* danço a morte
Tomando-*lhe* as galés, levando a gloria
Da primeira maritima victoria» (Camões).

«Tomando-*lhe* as galés» em lugar de—«Tomando-*lhes* as galés», porque *lhe* refere-se a *mouros*.

—«Os padres *lhe* dizem, a *elles*, as cousas da fé»

«*Lhe* dizem a *elles*» em lugar de—«*Lhes* dizem a *elles*».

XVII—Sobre o emprego de *te*, *ti*, *se*, *si*.
E' dos mais faceis, pois *te* e *se* figurão sem

preposição, ao contrario *ti* e *si* são sempre o consequente dalguma:—«Eu *te* estimo».—«Elle *se* ferio».—«Isto é para *tí*».—«Elle se castiga a *si* proprio».

XVIII—Sobre o pleonasma «*seu delle*», «*seu della*».

Ha *delle* exemplo em autor classico:—«E que maior exemplo se póde imaginar desta verdade e mudança dos que amão, que o de Hercules, a quem os embaixadores de Lybia achárão lançado no regaço de sua amada, mudando-lhe os anneis dos dedos, ella com a coroa real na cabeça e o famoso Thebano com um sapato *seu della* em lugar da corò?» (R. Lobo).

E' redundancia inutil, sem belleza alguma; supprima-se o possessivo que nenhuma ambiguidade haverá na phrase:—«E que maior exemplo se póde imaginar desta verdade e mudança dos que amão, que o de Hercules, a quem os embaixadores de Lybia acháraõ lançado no regaço de sua amada, mudando-lhe os anneis dos dedos, ella com a corò real na cabeça, e o famoso Thebano com um sapato *della* em lugar da corò?»

NOTA.—Escreve Moraes:

«Perissologia. Vicio que consiste na redundancia inutil de palavras: v. g. fallei ao homem e *seu pae delle* foi meu conhecido. Barros, Gram.»

XIX—Sobre o emprego de um pronome ou

adjectivo pronominal só posteriormente determinado.

—«Para os que *as* estudão com proveito, são *as letras* um poderoso recurso na virilidade, uma doce consolação na velhice».

—«Por doente e enfermo que *lhe* nasça nenhum *pae* perde a esperança de que seu filho recobre e venha a ser sadio e robusto».

As representam *letras e lhe, pae*, no entanto o leitor fica ignorando a que palavras se referem o adj. pronominal e o pronome, cuja determinação só mais tarde apparece com o emprego dos nomes *letras e pae*.

É preferivel a seguinte construcção:

—«Para os que estudão *as letras* com proveito, são *ellas* um poderoso recurso na virilidade, uma doce consolação na velhice».

—«Nenhum *pae* perde a esperança de que seu filho recobre, e venha a ser sadio e robusto, por doente que *lhe* nasça».

Enumerando o Dr. Corrêa diversos erros em seu Glossario, diz: «Consiste o 5.º no uso irregular de varios pronomes, quando os empregamos no seu sentido, antes da pessoa ou cousa referida: «... Antes de *as* conheceres pessoalmente vou fazer-te o retrato destas amáveis e espirituosas meninas, isto é, vou fazer-te o retrato destas amaveis e espirituosas meninas, antes de *as* conheceres».

Julgamos não obstante cabivel o emprego do pronome antes do nome, como o usou o padre Antonio Vieira, um e outro juntos e repetidos por pleonasmio:—«Cante-*lhes* aos *homens* o rouxinol, mas na sua gaiola».

XX—Póde o pronome estar por um possessivo?

A este respeito escreve o Sr. Julio Ribeiro:

«Os pronomes substantivos em relação objectiva adverbial equivalem algumas vezes ao adjectivo possessivo *meu, teu, seu* etc., ex.: «*Elle me é pae—Amigas te somos—Não lhe sou tutor*» em vez de:—«*Elle é pae meu—Amigas tuas somos—Não sou tutor seu*».

E' certo que encontram-se em nossos bons escritores exemplos identicos aos apontados pelo Sr. Julio Ribeiro:—«*Agita-se-me nas mãos a penna de mal soffrida impaciencia*» (Garrett).—«*Crescia a obra, como era de faxina e terra, quasi amassada com sangue dos miseraveis, que nella trabalhavão, chegarão a encavalgar algumas peças com que fazião damno aos baluartes, principalmente ao de S. Thomé, onde nos cegaráõ um camelo, e mostrava ja a bateria disposição para cousas maiores*» (J. Freire).—«*Converte-se-me a carne em terra dura*» (Camões).

A seguirmos a opinião do grammatico citado «*Agita-se-me nas mãos a penna*» está por—«*Agita-se nas minhas mãos a penna*»; «*onde nos cegaráõ um camello*» por—«*onde cegaráõ um camelo nosso*»; «*Converte-se-me a carne em terra dura*» por—«*Converte-se a carne minha em terra dura*».

Nada, porém, ha mais erroneo.

Tomemos os exemplos seguintes:

—«*Beijo mil vezes a V. S. a mão*» (Vieira).—«*Em nome de toda a communitade beijo a V. Exc.^a as mãos*» (O mesmo).—«*...beijarei as mãos a Vossa Alteza fazer-me justiça do Mar-*

quez de Torres Novas» (Luiz de Sousa).—«Se a Jeroboão, porque levantou a mão para um propheta, se *lhe* seccou logo o braço milagrosamente; como aos herejes depois de se atreverem a affrontar vossos santos, *lhes* ficão ainda braços para outros delictos?» (Vieira).—«...a Deus beijamos o chão..., ao papa o pé, ao rei a mão, etc.» (R. Lobo).

Seguindo o mesmo methodo, teremos:

«Beijo a V. S. a mão» por—«Beijo a mão de V. S.»; «Beijo a V. Exc.^a as mãos» por—«Beijo as mãos de V. Exc.^a»; «Beijarei as mãos a V. Alteza» por—«Beijarei as mãos de V. Alteza»; «Se a Jeroboão se *lhe* seccou logo o braço» por—«Se seccou-se logo o braço de Jeroboão»; «Aos herejes *lhes* ficão ainda braços» por—«Dos herejes ficão ainda braços»; «A Deus beijamos o chão, ao papa o pé, ao rei á mão» por—«Beijamos o chão de Deus, o pé do papa, a mão do rei».

E para tirar uma conclusão mais rigorosa diremos que o complemento restrictivo é regido da preposição *a* ou *de*! E' a consequencia, sem duvida.

Si «Beijo a V. S. a mão», é o mesmo que—«Beijo de V. S. a mão» ou—«Beijo a mão de V. S.»; e si «*De* V. S.» é complemento restrictivo de *mão*, com tão boa razão o é—«A V. S.»

Nem nós perguntem onde está ahi o pronome a que o possessivo corresponde, porque ninguem ignora que «Beijo a V. S. a mão» equivale a—«Beijo-*lhe* a mão», ou, segundo o Sr. Julio Ribeiro, a—«Beijo a mão *sua*» ou, em ultima analyse, a—«Beijo a mão de V. M.^{ce}, V.

S., etc.» (todo o possessivo corresponde a um complemento restrictivo).

O Sr. Julio Ribeiro, claramente se vê, não analysa, altera. Quem disse:—«Elle me é pae» empregou *me* como complemento *terminativo* do attributo, mas Sua S. muda-o para restrictivo.

Antonio Vieira disse:—«Beijo a V. S. a mão», assim como poderia ter dito:—«Beijo a mão de V. S.». O grammatico deve alterar o ponto, ou analysal-o tal qual, fazendo o verbo transitivo e relativo (*mão* compl. obj. e *a V. S.* term.)? Si o sentido não muda no segundo ponto—«Beijo a mão de V. S.», muda a construcção, porque aqui o verbo é apenas transitivo (*a mão* compl. obj. gram.; *a mão de V. S.*, total, sendo *de V. S.* complemento restrictivo de *mão*).

Assentemos, pois, que é falsa a opinião do Sr. Julio Ribeiro.

Demais, o grande Camões assim se exprime:

—«Torne-*vos* *vossas* forças o rei novo»; empregou ao mesmo tempo o pronome e o possessivo; logo um não está pelo outro; cada qual exerce uma funcção distincta, a saber: o pronome *vos* de complemento terminativo de *torne*, e o possessivo, de complemento restrictivo de *forças* (*vossas* ou de *vós*). «Torne-*vos* *vossas* forças o rei novo» é o mesmo que:—«Torne *a* *vós* as forças *de* *vós* o rei novo». Não ha aqui redundancia: ha funcções distinctas.

NOTA.—Quando publicâmos pelo *Paiz* *nossos* *Estudinhos* (a que damos hoje maior desenvol-

vimento), ouvimos a este respeito o Sr. Luiz Carlos que assim se exprime:

«Tenho deparado até em bons autores phrases analogas á de que trata na sua carta:

«Tratei-lhe da venda da casa», mas de ordinario, senão sempre, postas na boca de personagens burlescas e incultas ou em estylo familiar.

Na linguagem actual nunca se emprega a fórma «Lhe» do pronome da 3.^a pessoa senão como complemento terminativo; e em nenhuma epocha foi tal variação usada para exprimir o caso de possessão; para o que temos, na falta de fórma propria, os adjectivos possessivos quer em relação a esse, quer em relação aos pronomes da 1.^a e 2.^a pessoas, no singular, como no plural: «Meu, minha», «Teu, tua», «Seu, sua», «Nosso, nossa», «Vosso, vossa».

«Tratei-lhe da venda da casa» quanto a mim pois não quer dizer: «Tratei da venda da casa d'elle», ou «de sua casa» ou «da casa de sua propriedade», como pretende F. firmado na grammatica de Hemeterio que sem duvida acceitou essa opinião de Condurú, em cuja grammatica a encontrou, mas sim: «Tratei, para elle, da venda da casa»; a qual podia muito bem ser de outrem, que tivesse incumbido á pessoa designada pelo pronome «Lhe» de a vender. Isto é tanto assim que admittida aquella expressão, se não poderia impugnar est'outra: «Tratou-lhe da compra da casa», ou ainda: «Tratou-lhe da venda da casa de João». Já daqui se deixa ver claramente quanto é erronea a opinião dos que tomão na phrase

de que nos occupamos, e nas analogas, aquellas variações dos pronomes por complemento restrictivo. «Meu pae *me* morreo o anno passado», é um exemplo, que, relativamente ao pronome da 1.^a pessoa, vem firmar a opinião que sigo.

O emprego dessas variações dos pronomes, não o desconheço, imprime na phrase uma tal qual idéa de affecto, ou de officiosidade, um amaneirado, que não deixa de ter seu pingo e sabor especial.

No verso de Camões adduzido por F.: «Converte-se-me a carne em pedra dura», o *Me* faz officio de complemento terminativo, da mesma maneira que o «Lhe» na phrase supra citada, e verte-se assim: «A mim converte-se a carne em pedra dura» ou «é convertida a carne, etc.».

XXI—Sobre o emprego do pronome e do nome que elle representa, vindo este como apposto.

Encontra-se isto geralmente nos autores classicos:

—«Pelo qual homem (pelo mencionado homem), que era um Duarte Fernandes, alfaiate, que fôra captivo com Luiz de Araujo, e sabia ja a lingua malaia, *elle Affonso de Albuquerque* fez saber a el-rei de Leão o estado em que Malaca ficava» (João de Barros).—«Porque Deus não movêra o animo *delle Affonso d'Albuquerque* para acabâr no que tinha feito» (O mesmo).

Modernamente é pouco usado este modo de escrever, cujo fim unico é a clareza que se

póde obter construindo a phrase por outra fórma; não obstante, não está elle de todo bandido.

E' de João Lisboa o seguinte ponto:—«.. atalhou-o o governador em altas vozes que tinha melhor consciencia, que os padres da companhia, e que cria melhor em Deus que *elle Padre Antonio Vieira*».

No fôro, nos termos, certidões, etc. são ainda hoje muito empregados ao mesmo tempo o pronome e o nome.

XXII—Sobre a repetição do pronome, sujeito ou complemento.

Não raro a encontramos nós, e seu fim é o ornato, a elegancia do discurso; exemplo:

—«A vós, o' geração do Luso digo
 Que tão pequena parte sois no mundo;
 Não digo inda no mundo, mas no amigo
 Cural de quem governa o ceo rotundo:
 Vós (a vós) aquem não somente algum perigo
 Estorna conquistar o povo immundo;
 Mas nem cobiça, ou pouca obediencia
 Da Madre que nos ceos está em essencia:

Vós (a vós), portuguezes poucos quanto fortes,
 Que o fraco poder vosso não pesaes;
 Vós (a vós), que a custa de vossas varias mortes
 A Lei da vida eterna dilataes:
 Assi do ceo deitadas são as sortes,
 Que vós por muito poucô que sejaes,

Muito faças na santa christandade:
Que tanto, o' Christo, exaltas a humanidade»

(Camões).

NOTA.—No exemplo mencionado dá-se a figura chamada *repetição*. Não a confundamos com a *battologia*: uma e outra repetem as palavras; o que naquella se faz por elegancia, por ornato, por uma verdadeira belleza, nesta se faz por ignorancia, por vicio, por defeito, e é só propria de pessoas rudes. Seja exemplo da battologia:—«*Eu* quiz vir hoje a tua *casa*, mas a *tua casa* fica longe, e *eu* tinha muito que fazer, porisso, se *eu* puder, amanhã virei». O caso apontado da *repetição* chama-se *anaphora* (Repete a mesma palavra no principio de varias phrases—Fig., Rh.).

XXIII—Sobre a transposição do complemento, pronome ou adjectivo pronominal, parecendo modificar a um verbo, quando de facto modifica a outro.

Comprehende-se isto logo com uma simples e ligeira analyse:—«E afóra estas bestialidades nos contárão outras muitas a este modo, nas quaes estes cegos miseraveis estão tão crentes, que não ha cousa que *lh'as possa tirar* de cabeça (que possa tirar-lh'as de cabeça)»

(Fernão Mendes).

—«Nunca *vos deixarei de amar* (isto é—Nunca *deixarei de amar-vos*)». «Não *te quero irritar* (isto é—Não *quero irritar-te*)».

XXIV—Qual é correcto—«Disse *para elle* que, etc.» ou «Disse *a elle* que, etc.?»

«Lhe» corresponde mais directamente a «a elle», mas exemplos ha que nos autorisaõ tambem o emprego da preposição «para» neste caso:—«Por amor de Deus *lhe* dêsse ajuda *para ella*» (L. de Sousa).—«*Para Sua Magestade lhe* pareceo que elle bastava» (R. Lobo).—«*Para um portuguez* aconselharia que a primeira lingua que se *lhe* ensinasse fosse a allemã» (Garrett).—«...*para o avò* cruel assi dizia. .» (Camões).

NOTA—*Me*, segundo explica o padre Costa Duarte, quer dizer *a mim*, e ás vezes *em mim*. «Deo-*me* um livro», isto é «Deo *a mim* um livro».—«Deo-*me* pancadas», isto é «Deo *pancadas em mim*».

Burgain, tratando de expletivos, diz: «São outros tantos pleonasmos ou palavrinhas que se usão para tornar a phrase mais sonora, mais cheia, mais energica, como «Pega-*me* neste machado».

Parece que aqui *me* equivale a «para mim»: «Pega, para mim, neste machado».

Neste exémplo: «Qual eu fiquei não *m'o* ouvirás»—«*me*» está por—«de mim»: «Qual eu fiquei não o ouvirás *de mim*».

A mesma nota com relação a *nos*, *te*, *vos*, *lhe*.

XXV.—«Bem Cuidava eu, Sr. D. Julio, disse elle que aquella formosa era encantada, e que foi traça do vosso entendimento fazer a todos

cavalheiros dessa aventura, porêm *a mim* só a encommendastes, *que* pela idade podera ja estar aposentado para tal empreza» (R. Lobo).

Trazemos este exemplo, afim de notar uma irregularidade que nelle se observa, e é a referencia do adjectivo conjunctivo *que*, *sujeito da ultima oração*, a um caso obliquo—*mim*.

Não se poderá resolver o adjectivo conjunctivo senão por esta fórma: *o qual mim...* podera etc.; isto quer dizer logicamente que o sujeito de *podera* é um caso obliquo.

NOTA.—Apezar do que fica escrito, quizeramos ouvir particularmente a este respeito a opinião dos doutos, porque em parte alguma achamos censurada a referencia do conjunctivo-sujeito a um caso obliquo, sendo aliás mui vulgar essa referencia. Citemos ainda o seguinte exemplo que é de Vieira:—«Parece-vos bem, senhor, parece-vos bem isto? Que a *mim que* sou vosso servô me opprimaes e afflijaes e aos impios, aos inimigos vossos os favorecaes e ajudeis?»

SE, CONJUNÇÃO, PRONOME REFLEXO, PRONOME INDEFINIDO.

XVVI—Se, conjunção.

Se ou si, conjunção de subordinação, liga tanto orações circumstanciaes como completivas tambem chamadas integrantes.

Quando liga orações circumstanciaes, é condicional—«Si fores á festa, irei contigo».

E' frequente o emprego de *caso* em lugar da

condicional *si*: — «Rei, *caso* possa» ou — «Rei *si* puder».

Quando liga orações completivas, servem estas de sujeito, attributo, complemento objectivo ou terminativo, formando neste ultimo caso *si* locução com outra palavra.

Sujeito e attributo.

— «Não te espante *si o campo Emathio só te vio vencido*» (Camões). — «A primeira cousa que el-rei perguntou foi *si estava aindo a fortaleza por el-rei seu senhor*» (J. Freire).

Complemento objectivo.

— «Não sei *si va*».

Complemento terminativo.

«No cabo desta minha tão longa e trabalhosa jornada, quando os outros descansão, começa o maior cansaço meu, com a duvida que tenho (sobre) *si acharei aqui uma filha, em cuja busca venho*» (Sá de Miranda).

E' preferivel a orthographia *si*, attendendo-se á origem e á necessidade de distinguir a conjuncção do pronome, apezar de que Alexandre Herculano, Garrett e outros não a adoptem.

Nota-se no seguinte exemplo de Camões um expletivo—uma conjuncção *si* repetida no ponto, sendo necessaria a suppressão da ultima para analysal-o:

— *Se Cezar, se Alexandre rei tiverão*

Tão pequeno poder, tão pouca gente,

Contra tantos imigos, quantos erão

Os que desbaratava este excellente;

Não creias que seus nomes se estendêrão

Com glorias immortaes tão largamente;

Mas deixa os feitos seus inexplicaveis.
Vê que os de seus vassallos são notaveis».

Ora, si a conjunção *si* é meo liame, só deve ser empregada á frente da oração—«Si Cesar, Alexandre rei tiverão &»—fallo gramaticalmente, e não quanto ao metro.

Com esta conjunção formão-se locuções condicionaes, como salvo si, excepto si, como si.

—«Tu só, tu puro Amor, com força crua,
Que os corações humanos tanto obriga,
Dêste causa á molesta morte sua,
Como se fôra perfida inimiga».

(Camões).

Para aqui transcrevemos o que a respeito desta conjunção escreve em seu Glossario o Dr. F. Corrêa:

«Se.—Esta conjunção é hoje frequentemente empregada em muitos casos alheios ao nosso idioma, e só proprios do francez, como nos seguintes exemplos:

Não é de admirar que nos falte um bom dicionario de synonymos, *se* carecemos da principal base em que elle deve fundar-se, isto é, *carecendo* nós, ou, *visto* carecermos.

Não ha felicidade perfeita, *se* não tem por base a virtude, isto é, *quando* não tem por base a virtude.

A riqueza deixa de ser um bem, *se* della se abusa, isto é, *quando* della se abusa».

XXVII.—Se, pronome reflexo.

Se é pronome reflexo, quando a acção do

verbo recae sobre o proprio sujeito, e elle só se refere á terceira pessoa; exemplo:—«Dotadas de boas e más qualidades em subido gráo essa gente (os judeus) distinguio-*se* em todas as epochas pela pertinacia invencivel, pela avaricia do ganho, levada até á sordidez, pela austeridade e pelo amor do trabalho» (Alex. Herc.).

Diz-se em geral que *se* é pronome reflexo, quando o sujeito é pessoa, mas pôde-o ser tambem em certos casos, quando elle é cousa que se toma como personificada, podendo praticar a acção; exemplos:—«Penas, amor, prazeres, odios soltos dão-*se* aqui dentro bem cruel batalha» (A. F. de Castilho).—«Deixavão-nos viver na sua crença, exercitar as suas profissões, fruir pacificamente dos bens, que adquirião; mas as leis civis que os protegião, harmonisavão-*se* de certo modo com as doutrinas canonicas» (Alex. Herc.).—«A politica romana occultava-*se* ou descobria-*se* conforme a circumstancia o permittia» (Idem).

Nos tres exemplos dados as orações devem ser tomadas na activa.

No exemplo—«O rio dirige se para o norte» não ha êrro absoluto ou em considerar a oração na activa, como si o rio por si mesmo seguisse seu curso, ou na passiva, desta forma:—«O rio é dirigido v. g. *pela correnteza* para o norte». Julgamos mais natural, porém, tomar o sujeito como personificado e conservar a oração na activa, como nos tres alludidos exemplos.

Êrro com relação a este pronome.

Como reflexo que elle é, faz com que a acção do verbo recaia sobre o sujeito.

Assim é incorrecto o exemplo que se segue:

—«Eu não lhe offereço do meu jantar, por que não é feito *para si*» (Julio Diniz).

Ora, o sujeito da oração subordinada é *o jantar*, teremos, pois:—«O jantar não é feito *para si*», isto é—«*O jantar não é feito para o jantar*», o que certamente não é o que se pretende dizer, mas sim:—«O jantar não é feito *para ti, para vós, para o senhor, etc.*», conforme o tratamento que se queira dar.

Ainda ha pouco lêmos em um jornal:—«Meu irmão nada tem que ver *comsigo*», isto é—«*Meu irmão nada tem que ver com meu irmão*», em lugar de—«Meu irmão nada tem que ver *contigo, convosco, com o senhor etc.*». Quando dizemos:—«Vi a José *fôra de si*», entendê-se: «que estava» ou «estando elle *fôra de si*».

Este pronome pôde servir de complemento objectivo ou terminativo.

Objectivo.

—«Pedro ferio-*se*» (Pedro ferio a si).

Terminativo.

—«O autor reserva-*se* o direito de propriedade» (O autor reserva para si o direito de propriedade). —«Pedro impoz-*se* este dever» (isto é «impoz a si, etc.»).

XXVIII—Se, pronome indefinido.

Tem a mesma origem do pronome reflexo, ou, para melhor dizer, este pronome é o mesmo reflexo de que por idiotismo nos servimos, em falta de verbos passivos, como um dos meios de que lançamos mão para formar

a voz passiva no portuguez; e tanto é assim que em muitos casos facil é confundir um com o outro, não obstante o emprego distincto que se dá a cada um.

Se é pronome indefinido, quando o sujeito não pratica, mas sim recebe a acção; por exemplo:—«A cadeira quebrou-se» não exprime que ella propria se quebrasse, mas ao contrario que ella foi quebrada (cadeira que é o sujeito, soffre a acção praticada em vêz de exercel-a; é exactamente o caso da voz passiva; dá-se, alem disso, a antiphrase).

Alguns grammaticos pretendem que o *se*, pronome indefinido, deriva-se do *on* francez, e não do latim *sui*, *sibi*, *se*; opinião que não accetamos por ser contraria á boa razão, e ao que seguirão nossos classicos, e ainda hoje seguem os que melhor maneirão nossa lingua.

On, francez, corrupto de *homme*, diz Moraes, equivale a *hom*, *homem* que empregarão nossos classicos.

Não temos modernamente uma palavra de que usemos exacta e exclusivamente em logar de *hom*; abaixo mostraremos os varios modos a que recorreremos para substituir esse termo.

A priori affirmamos que não póde servir de sujeito o *se*, pronome indefinido, que deve-se considerar antes e simplesmente como *uma particula apassivadora*. Para melhor tratar da questão, apresentemos separadamente as razões em que nos baseamos.

1.^a *Se*, pronome indefinido, constitue apenas *uma particula apassivadora*; não é, como dizem, *um complemento objectivo aparente*, nem *o complemento terminativo da passiva* (chamado

(tambem de causa efficiente) que na activa passaria a ser o sujeito.

Mostremos isto melhor por meio de um exemplo. Quando dizemos:—«A cadeira quebrou-se», si «se» estivesse em lugar de «por alguém», seria o complemento terminativo da passiva, portanto o sujeito da activa; mas ha um engano; quando em vez do exemplo:—«A cadeira quebrou-se» empregamos:—«A cadeira foi quebrada por alguém», entendemos o complemento terminativo «por alguém», não resolvemos «se» nesse complemento; tanto que poderamos bellamente ter dito:—«A cadeira quebrou-se *por alguém*», ficando *se* em sua função de *particula apassivadora*, e não de complemento, que indevidamente lhe querem attribuir. Si a ordinaria expressão é—«A cadeira quebrou-se», e não—«A cadeira quebrou-se por alguém», é porque na voz passiva é frequente a ellipse do complemento terminativo, o que succede ainda quando ella se fórma com o verbo ser e o participio passivo.

De expressões iguaes a esta:—«A cadeira quebrou-se *por alguém*» usárão nossos classicos:

—«Daqui mais apartada tremulavão
As bandeiras de Grecia gloriosas,
Terceira monarchia, e subjugavão,
Até ás aguas gângeticas undosas:
Dum capitão maneebo se guiavão
De palavras rodeado valerosas
Que ja não de Philippo, mas sem falta,
De progenie de Jupter se exalta».

(Camões).

—«E por mandado seu buscando andamos
A terra oriental que o Indo rega:
Por ella o mar remoto navegamos,
Que só dos fêos phocas se navega».

(O mesmo).

—«Num bosque *que das Nymphas se habitava*,
Sibilla, Nympha lindo, andava um dia;
E subita em uma arvore sombria
As amarellas flores apanhava».

(O mesmo).

—«*Aqui se escreverão novas historias*
Por gentês estrangeiras que virão:
Que os nossos sabios magos o alcançaraõ,
Quando o tempo futuro especularão».

(O mesmo).

—«Dom Alvaro de Castro e dom Manoel de
Lima, feitos em um só corpo, *se fizerão inve-
jar de seus soldados e de seus inimigos* (fizerão
*ser invejados de seus soldados e de seus inimi-
gos*)».

(J. Freire).

Notemos ainda que os pontos dados não po-
derião ser entendidos substituindo «se» por
«alguem», e considerando esta palavra como
sujeito v. g. «Num bosque *que das Nymphas al-
guem habitava*». O sentido é este:—«Num bos-
que o qual bosque das Nymphas era habitado.
Bastaria a autoridade de Camões, do gran-

de e primeiro classico portuguez, para destruir toda a duvida, mormente sendo muitos os exemplos que delle podemos citar, o que prova a certeza com que escrevia, empregando o chamado pronome indefinido e o *complemente terminativo* ao mesmo tempo. Apresentemos com tudo ainda algumas razões.

2.^a Este pronome deriva-se do latim *sui, sibi, se*, como já se disse; carece de *nominativo*, caso que serve de sujeito.

3.^a O *on* francez é sempre sujeito; ao passo que os que considerão a particula *se* como sujeito, admittem que em alguns casos possa apassivar; o que é incoherente. E note-se que os classicos dizião sempre *vende-se casa, vendem-se casas*, subordinavão a concordancia do verbo ao numero do substantivo *casa*, o que não farião si fosse esta palavra *complemento objectivo*.

A voz passiva impressa na phrase pela particula *se* é que obriga, convem saber, os que de modo diverso ao nosso pensão, a confessal-a *em alguns casos*.

—«Successivamente *se vio o mesmo milagre* muitos annos aquelle mesmo dia»,—«*Reparação-se as munições e mantimentos*»,—«Continuava a bateria não sem effeito, porque ja *se via o muro* por muitas partes aberto»,—«Rumecão, Juzarcão e Mojatecão, vierão com grossas companhias, a encontrar-se com os nossos, entre os quaes *se começou a batalha*»,—«Podia—*se obrar uma e outra empreza*», são phrases que uma razão esclarecida não póde deixar de tomar na passiva; a analyse nesta voz obedece ao sentido, respeita-o, é naturalissima. Assim,

se via o mesmo milagre, repartião-se as munições e mantimentos, se via o muro, se começou a batalha, podia-se obrar uma e outra empresa exprimem:—era visto o mesmo milagre, erão repartidas as munições e mantimentos, era visto o muro, foi começada a batalha, podia ser obrada uma e outra empresa.

4.^a Na propria lingua franceza o pronome «se» tambem apassiva:—«Une sottise ne doit jamais se répéter» (Boiste, exemplo citado pelo Dr. E. Carneiro). No portuguez: «Uma asneira nunca deve repetir-se ou ser repetida».

5.^a Dizem, como grande argumento, que não se podem apassivar verbos neutros (intransitivos), ao passo que emprega-se o «se» com taes verbos; como si não fosse frequente em nossa lingua o uso de um mesmo verbo variando de acção:—Como depressa *passa* o tempo (intr.)—Eu *passo* o tempo no trabalho (trans.).

—«*Pelêjava-se* em ambas as partes com grande valor» corresponde a—«A *pelêja*, o *pelêjar* *era dado* em ambas as partes com grande valor». Emprega-se outro participio. porque o proprio ficaria muito proximo do substantivo cognato *pelêja*, o *pelêjar*.

Passos escreve em seu dice. gram:—«Podemos fazer a analyse supprindo simplesmente a ellipse segundo a exigencia grammatical, ou com todo o rigor philosophico substituindo palavras syntheticas por outras equivalentes; e ás vezes toda a phrase soffre esta transformação, como as seguintes: *Trabalha-se*, *Cantou-se*, *Chove*, *Troveja* equivalentes a *O trabalho é obrado*, *O acto de cantar foi praticado*, *Chuva cae*, *Trovões soam*».

6.^a Si «se» póde ser sujeito, por que não o êmpregão com verbos reflexos, ao passo que «on» francez se usa com taes verbos? Quem diria, por exemplo:—«*Se ferio-se*»—«*Se matou-se*»?

7.^a Ainda nos occorre: na phrase—*fuzem-se obras*, analysão «se» como complemento terminativo; de modo que «se», pronome, tem a mesma fórma para representar sujeito e complemento. *E' claro que a mesma fórma só se prestaria para um e outro officio, precedido o pronome, quando complemento, de preposição.*

Erro é, a nosso ver, e gravissimo, o considerar-se o pronome «se» de que nos occupamos fóra de seu character de particula apassivadora.

Muitas outras razões poderião ainda ser citadas; por fallecer-nos conhecimentos proprios, depomos a penna, aconselhando a quem quizer aprofundar a questão que a procure estudar nos mestres de nossa lingua.

De accôrdo com a opinião que sustentamos, vem a proposito apresentar os tres seguintes casos em que incorrectamente se emprega este pronome, e aconselhamos áquelles que se presão de fallar bem o portuguez, abandonem gallicismo tão grosseiro.

1.º

—«Ah! esta, pois isto offende? *é-se* obrigado acaso a pagar fôro em metro ás deosas do Parnaso?» (Castilho).—«Com effeito aos oi-

tenta e quatro annos não *se* é racionalmente nem uma nem outra cousa» (Lopes de Mendonça).—«Ora bem sabe qu ou *se* é artista ou *se* não é» (Pinheiro Chagas).—«Eis aqui, disse elle, para que serve *ser-se* Danton» (Idem).—«O que! pois o senhor, porque é rico deseja guardar para si o direito de ter uma cpinião e de a dizer, e porque *se* é pobre ha de soffrer tudo sem nunca a gente *se* queixar, nem *se* revoltar!» (Idem).

Corrigimos estes exemplos:

—«Ah! esta; pois isto offende? *Somos* obrigados acaso a pagar fôro em metro ás deosas do Parnaço?»—«Com effeito aos oitenta e quatro annos *ninguém* é racionalmente nem uma nem outra cousa».—«Ora bem sabe que ou *a* pessoa é artista ou o não é».—«Eis aqui, disse elle, para que serve *ser* Danton».—«O que! pois o senhor, porque é rico deseja guardar para si só o direito de ter uma opinião e de a dizer, e porque *a* gente é pobre ha de soffrer tudo sem nunca *se* queixar nem revoltar-se».

Regra—Não se deve empregar o chamado pronome indefinido com verbos que tenham attributo ou sub-attributo expresso, que só se pódem apassivar com o particípio passivo (Sou *amado*—Estou *roubado*).

2.º

—«Faço isto, para que *se me* estime» em lugar de—«Faço isto, para que *me estimem* ou para que seja *eu estimado*».

—«Tratarei da phrase, e para aqui a reproduzo, para que melhor *se a* considere» em lo-

gar de—«Tratarei da phrase, e para aqui a re-produzo, para que melhor *seja considerada* ou para que melhor *a considerem*».

Regra—Não se deve empregar o mesmo pronome com outro caso obliquo ou com o adjectivo pronominal, porque, juntos ao mesmo verbo, nenhum póde servir de sujeito.

A phrase: «Fez-se-me um favor» correspondente a—«Um favor foi-me feito» é correcta, sendo o sujeito «um favor».

3.º

«Vende-se casas»,—«Passou-se duas escrituras» em lugar de—«Vendem-se casas»,—«Passarão-se duas escrituras».

Regra—Os verbos transitivos empregados com o pronome indefinido subordinão-se á concordancia com o complemento objectivo da activa, que passa a ser o sujeito da passiva onde fica a oração.

Importa saber que dão como regra que «se» apassiva quando o sujeito é *cousa*. Isto propriamente é uma regra falsa, tantos são os casos em que a voz passiva se fórma com o pronome «se», sendo o sujeito pessoa; exemplos:

—«De Portugal mandou-se (foi mandado) um embaixador á França» (A. Herc.).—«Aqui foi D. João Mascarenhas avisado que sobre o eirado da igreja se vião (erão vistos) muitos turcos etc.», (J. Freire).—«Esta cisterna está a entrada duma rua, que chamamos a Cova, que foi a cova antiga dos mouros, onde se reco-

lhia (era recolhida) a gente inutil» (Idem).—
«Mandou Rumeção que o soltassem, pergun-
tando-lhé que gente haveria na fortaleza? se
viria o governador a Dio? com que poder e
em que termo se esperava (era esperado) o
filho?» (O mesmo).—«Rompem-se (são rotos)
aqui dos nossos o primeiro—Tantos dos ini-
migos a elles vão» (Camões).

Releva observar que sem o emprego da par-
ticula «se» dá-se ás vezes ao infinito o sentido
passivo:—«Facil é confundir um exémplo com
outro» isto é «confundir-se» ou «ser confun-
dido».—«Veio o dinheiro para distribuir» isto
é «para distribuir-se» ou «ser distribuido».—
«Foi entregue o panno para fazer a obra» isto
é «para fazer-se a obra» ou «ser feita».—«Im-
porta dizer isto mesmo por José» isto é
«dizer-se isto mesmo por José» ou ser isto dito
mesmo por José (neste exémplo vem o com-
plemento terminativo expresso).—«E' necessa-
rio concluir as obras» isto é «concluirem-se
as obras» ou «serem concluidas».

NOTA 1.^a—Em *o pelêjar* por *a pelêja* foi em-
pregado um verbo no infinito por um sub-
stantivo. Segundo o Dr. E. C. Ribeiro constitue
isso uma *enallage*. «Enallage, define elle, é uma
figura pela qual se emprega uma palavra exer-
cendo função grammatical diversa da que
naturalmente exerce.»

Com razão, porém define Passos essa figu-
ra limitando-a só ao verbo:

«Enallage (do grego *en* prefixo, e *allos*, outro)—figura que consiste em trocar os modos, os tempos, as pessoas do verbo, usando-se de uma linguagem em vez de outra que o rigor grammatical ou o natural da expressão exige, como o presente em vez do preterito, o plural em vez do singular».

NOTA 2.^a—*Sub-attributo* escreve Sotero em suas *Postillas Grammaticaes*, talvez no sentido de *quasi attributo*, *junto ao attributo*; os francezes em geral escrevem *sur-attibut*, cuja traducção litteral é *sobre-attributo*.

NOTA 3.^a—No exemplo—«A cadeira quebrou-se» dá-se, como dissemos, uma antiphrase. Para a boa intelligencia do discurso, apresentamos em seguida os tropos que compilamos de diversos compendios, principalmente do *dicc. gram.* de Passos, fazendo as modificações que entendemos razoaveis.

«Tropo é o emprego de um palavra ou palavras com mudança da sua significação propria; o mesmo que sentido translato».

Podem-se mencionar os seguintes:

Metaphora é a mudança da significação propria de uma palavra para outra por *semelhança* das idéas que uma e outra exprimem; como quando se diz—*a luz de seus olhos*, em vez de—*o brilho de seus olhos*; *torrente de eloquencia*, em vez de—*grande verbosidade de um orador*.

E toda a *metaphora* se resolve pela figura chamada *comparação*:—«*Maria é uma rosa*» isto é—«*Maria é bella como uma rosa*».

Quando a *metaphora* é mui forte dá-se-lhe um correctivo como *por assim dizer*, ou outro semelhante: o mesmo se applica á *hyperbole*.

Ha uma especie de metaphora chamada *catacrese* (abuso, extensão, imitação); serve de supprir nas linguas a falta de um termo proprio para expressar algumas idéas. Por exemplo: *montar a cavallo numa bengala; limonada de tamarindos; folha de flandres, de papel; chumbar os dentes a marfim, a ouro, a prata*. E' por *catacrese* que nos servimos da mór parte das preposições, de alguns dos verbos, como *ter, haver, estar, fazer, dever, etc.*

Allegoria é uma metaphora continuada, ou discurso, cujo sentido apparente é semelhante ao que as palavras exprimem na sua significação propria. Exemplo:

—«*Vão os annos descondo, e ja do estio
Ha pouco que passar até o inverno*».

Assim declara Camões que ia ficando velho.

Outra allegoria é a do mesmo autor quando pede o favor das Musas para concluir seu poema.

—«*Vosso favor invoco, que navego
Por alto mar com vento tão contrario;
Que, si não me ajudaes, hei medo
Que o meu fraco baixel se alague cedo*».

Metonymia. Este tropo consiste no uso de um nome por outro a respeito de cousas intimamente relativas como a causa pelo effeito, e vice-versa; o possuidor pela cousa possuida, o continente pelo conteúdo, etc.

Causa pelo effeito—«Co'o o fogo o *diabólico instrumento*
Se faz ouvir no fundo lá dos ma-
 res».

Em vez de—o som do instrumento *se faz ou-
 vir*.

Effeito pela causa—«Diz-lhe que vem de gentes *car-
 regadas*,
 E dos trovões horrêndos de Vul-
 cano».

Em vez de—*carregadas*. (as náos) de gente e
 dos instrumentos que produzem trovões.

Possuidor pela cousa possuida—«Ja proxi-
 mo arde *Ucalegon*».—«Vou ao *João Paulo*».—
 «Este terreno confina com *Pedro*».

Em vez de—«Ja proximo arde o *palacio* de
Ucalegon».—«Vou ao *sítio* pertencente a João
 Paulo».—«Este terreno confina com o de
 Pedro».

Cousa possuida pelo possuidor—«Em Dio
 não descansavão as *armas*».

Em vez de—«não. descansavão os *guerrei-
 ros*».

Continente pelo conteudo—«Gosta da *bo-
 tija*».

Em vez de—«Gosta da *bebida* que se con-
 tem na botija».

Conteudo pelo continente—«Cortavamos *nós*
 o mar».

Em vez de—«Cortava o *navio* em que iamos
 o mar».

Signal pela cousa significada—*Armas* por
guerreiros, *toga* pela *magistratura*, etc.

Abstracto pelo concreto—*O branco, o azul*, em vez de—a cõr branca, a cõr azul.

Observação. — Em outros muitos casos se dá *metonymia*, alguns dos quaes achão-se incluídos nos que ficão apontados, v. g. os do *inventor* pela cousa inventada, e do *escritor* por seu escrito, que se podem considerar como a causa pelo effeito. Por exemplo, *Bacco* é tomado pelo vinho, *Marte* pela guerra, *Ceres* pela lavoura; *Virgilio e Homero* pelos seus poemas: —«*Lia Alexandre a Homero de maneira—Que sempre se lhe sábe á cabeceira*».

Por *metonymia* se diz v. g. *hollanda*, por estofa de Hollanda; *damasco* por *sedá* de Damasco; *champagne e porto* por vinho de Champagne, *vinho do Porto*.

Póde chamar-se este caso da *metonymia*—o lugar em que a cousa se faz pela propria cousa.

Podemos ainda mencionar *as partes do corpo* consideradas sédes de nossas paixões e de nossos sentimentos, pelas mesmas paixões e sentimentos: Ex:—*Tal é uma excellente cabeça por tal é homem de merito, intelligencia; O visconde d'Hercal é homem de coração*, em vez de —*homem de coragem; E' uma má lingua* em vez de—*um maldizente*.

Ha uma espécie de *metonymia* com a denominação particuliar de *metalepse*, em virtude da qual se toma o antecedente pelo consequente ou vice-versa. *Vivco* para expressar que o sujeito de que se trata, é morto: é o antecedente pelo consequente. *Nós o choramos* para expressar tambem que alguém é morto: é o consequente pelo antecedente.

Synedoché—tropo que consiste tambem no uso de um nome por outro, como a metonymia, mas se restringe a cousas coexistentes (queremos dizer que existem uma incluindo a outra, ou sendo nella incluída). Significa *compreensão*, *concepção*, e faz tomar a *parte* pelo *todo*, o *menos* pelo *mais* ou vice-versa o *todo* pela *parte*, o *mais* pelo *menos*. É mais geral no sentido da *parte* pelo *todo*; exemplos: —«A frota constava de vinte velas», em vez de — constava de vinte navios. «Pagar-se-ha tanto por cabeça», em vez de — tanto por pessoa.

Exemplos dos principaes casos em que a expressão do *menos* faz conceber o *mais*, e do *mais* comprehende o *menos*.

O *singular* pelo *plural* —«O mouro foi derrotado».

O *plural* pelo *singular* —«Que horas são?»

Em vez de —«Que hora é?»

A *especie* pelo *genero* —«A verdade custa a chegar aos ouvidos dos reis». Em vez de — aos ouvidos dos monarchas.

O *genero* pela *especie*. Neste sentido se diz — os *mortaes* em referencia aos *homens*, os *animaes* em referencia aos *brutos*.

Observação.—O caso em que se toma a materia em vez do objecto que della é feito, considera-se como o do *todo* pela *parte*, ou do *mais* pelo *menos*; pois que na verdade a materia é uma cousa geral que toma a fórma que se lhe dá. Por exemplo, do *ouro* se faz o *dinheiro*, do *ferro* a *espada*; e por isso dizemos, v. g. *Foi corrompido pelo ouro*, em vez de — pelo *dinheiro*.

Pela *antíphrase* se denominão cousas ou idéas

contrarias ao sentido que as palavras declaram, e por essa maneira inversa ficão conhecidas. — «Quebrou-se uma cadeira». O nome de *Rua Direita* dado a ruas tortas em algumas cidades é antiphrase.

Na *ironia* usa-se das palavras na significação contraria para censurar, zombar ou simplesmente gracejar, e por isso as mais das vezes provoca o riso. Por ironia se diz de um má orador: *é um Cicero*; de um rico: *é um pobresinho*. O tom da voz ou outras circumstancias fazem conhecer logo a ironia.

Hyperbole (ou exaggeração) — é a expressão que ultrapassa a verdade. Ex: — «*Henrique morra de amores por Amélia*».

Euphemismo. Significa o *bom dizer*, isto é a expressão agradável. Usa-se de euphemismo para evitar o desagradavel effeito de algumas palavras ou expressões, substituindo-as por outras, v. g. *Passou a melhor vida*, em vez de — *morreo*. Dizemos a um pobre: — *Perdõe, irmão*, ou — *Deus o favoreça*, em vez de — *não posso dar-lhe esmola*. Falando de uma senhora, dizemos: *Deu á luz um menino*, em vez do termo proprio, ja reprovado na sociedade polida.

Litotes é um tropo de que usamos, quando dizemos pouco para dar a entender muito, como si disseramos: *Creso não era pobre*, para significar que era muito rico.

Antonomasia é uma espécie de metonymia pela qual se põe alguma coisa pelo nome proprio. Por antonomasia se diz *o Cartaginez*, isto é, Hannibal; *o destruidor de Cartago*, isto é, Scipião.

Dizendo *o poeta*, *o philosopho*, *o orador*, desi-

gnavão os gregos a Homero, Platão e Demosthenes.

Diz-se por antonomasia: *é um Catão*, isto é, um homem de costumes austeros; *é um Nero*, isto é, um homem cruel; *é um Crespo* isto é, um homem riquíssimo.

Communição. É a figura pela qual fazemos commum a nós, ou a outrem uma parte do que dizemos. *Ex.:* *Muito bem nos saímos deste negocio*, diz um patrão ao caixaero tratando dum negocio que elle só empreehedeo, e de que teve bom resultado. É por communição que dizemos:—«*Nossa casa, nosso sitio*» a outrem com quem queremos usar de delicadeza.

Syllepse oratoria. Consiste no emprego de uma palayra em dois logares, estando num em sentido proprio, noutro em sentido figurado:—«*Galathéa é para elle mais doce (fig.) do que o mel do monte Hybla (entende-se—é doce, sentido proprio)*».

Allusão. Consiste esta figura em representar uma idéa para dar a entender outra, com a qual guarda uma tal ou qual analogia ou semelhança em algum ponto.

Um homem que tinha feito um roubo, muito tempo depois disse a outro incumbido de guardar varios depositos:—«*Cuidado, veja o que faz*». Este, offendido, replicou logo delicadamente, mas querendo recordar-lhe sua má accção: «*Não tenha medo; em minhas mãos nenhum risco corre o dinheiro*».

A energia da expressão, e o modo por que foi dita, lembrou sem duvida ao outro o alcanee, o sentido destas palayras.

Periphrase significa circumloquio, rodeio de palavras; exprime por meio de muitas aquillo que em poucas se poderia dizer.

Camões para exprimir que *havia amanhecido* disse:

—«Mas assim como a Aurora marchetada

Os formosos cabellos espalhou,

No ceo sereno, abrindo a roxa entrada

•Ao claro Hyperionio que acordou,

•Começa a embandeirar-se toda a armada etc».

Hypallage. É a figura pela qual se attribue a certas palavras o que convem a outras da mesma phrase, sem que entretanto resulte dahi confusão ou equívoco no sentido:—«Enterra-lhe o chapeo na cabeça» por—«Enterra-lhe a cabeça no chapeo».—Mette o sapato no pé, por—«Mette o pé no sapato».

Da antithese já tratamos por occasião de nos occupar das figuras de dicção.

XXIX — ADJECTIVO PRONOMINAL — Função, referência, genero.

—«São herejes:—dizia elle fallando dos arianos—são-*n'o*. Herejes entre nós, não o são entre si, porque tão catholicos se reputão que nos têm por hereticos. O que elles são para nós, somos nós para elles. A verdade está da nossa parte; mas elles pensão que está da sua, Cremos que damos gloria a Deos; elles pensão tambem que o fazem. Não cumprem o seu dever; mas longe de o suspeitarem, acreditão servir á religião.

Sendo ímpios, persuadem-se de que servem a verdadeira piedade. Enganão-se; mas é de boa fé e por amarem a Deus; não porque o aborrecção. Alheios á crença verdadeira, seguem com sincero affecto a sua, e só o supremo juiz póde saber qual será o castigo dos seus êrros».

(Palavras de Salviano citadas por A. Herculano na *Inquisição*).

—«E além de eu estar atalhado com a sua vista *o* estava ella, tanto com minha presença que perdi o interessé de *a* ver pelo respeito de *a* não molestar».

(Rodr. Lobo).

—«*O* que nelle vi foi *o* que ja me quivistes».

(Idem).

—«Si Claraval tem formosos viveiros de peixe no seu rio, para proveito e recreação, os mesmos têm Bemfica, e não em uma só parte, nem com um só genero de recreação, e, *o que* mais é de estinar, dentro da casa».

(Luiz de Sousa).

—«Dividirão-se então, e o príncipe foi subindo aos logares mais altos, e fazendo-se senhor de todos até chegar ao mais eminente da cidade, que chamavão *o cesto*; *o que* não foi sem grande trabalho e mais sangue».

(Idem).

—«Tambem é razão que se saiba a grandissima ordem e maravilhoso governo que tem

este chim, rei gentio, em prover o seu reino de mantimentos, para que a gente pobre não padeça necessidade; e para isso direi *o que disto se trata nas suas chronicas*».

(Fernão Mendes).

FUNÇÃO.

O adjectivo pronominal pôde servir de sujeito, de attributo:—«*O que nelle vi foi o que ja me ouvistes*».

De sub-attributo:—«*E alem de eu estar atalhado com a sua vista o estava ella, etc.*».

De complemento objectivo:—«*mas longe de o suspeitarem, etc.*».

No exemplo—«*Cremos que damos gloria a Deus; elles pensão tambem que o fazem*», *o* é complemento objectivo de *fazem*, e a expressão *o fazem* substitue a fastidiosa repetição do verbo anterior, sendo este o sentido—«*Cremos que damos gloria a Deus; elles pensão tambem que dão gloria a Deus*» ou «*que a dão*».

De complemento restrictivo:—«*Não vou ao theatro ver farças, porque estas as ha sempre no mundo*».

Segundo analysa Sotero, quando trata do verbo-unipessoal *haber*, *as* aqui é um complemento restrictivo, sendo *o* verdadeiro sujeito de *ha* n.º, especie, quantidade ou outro qualquer accommodado; ficando—«*porque ha sempre n.º de farças no mundo*».

REFERENCIA.

O adjectivo pronominal pôde estar por um nome:—«Enganão-se; mas é de boa fé, e por amarem a Deus; não porque o aborrecção» (Isto é—não porque aborrecção a Deus).

Por um adjectivo:—«São herejes; são-n'os». (Isto é.—São herejes; são *herejes*).

Por uma oração—«Não cumprem o seu dever; mas longe de o suspeitarem, etc». (Isto é—mas longe de suspeitarem *isto*—que não cumprem o seu dever, etc.).

Pôde indicar uma *idéa vaga, indeterminada, sentidos complicados e extensos*.

Note-se o que há de *vago, indeterminado* em —O que elles são para nós, etc:

(Isto é—aquillo, a cousa, isso que, etc.).—«Ve-de-o no vosso escudo» disse Camões (Lus. I, est. VII) para denotar os feitos memoráveis dos portuguezes já ditos, e que ia ainda dizer.

GENERO.

O adj. pronominal pôde ser masculino, feminino ou neutro.

Masculino com a fôrma *o, os*.

Feminino com a fôrma *a, as*.

Neutro com a fôrma *o*.

Como neutro pôde se adaptar a ambos os generos e numeros:—«Vi o que queria» (*o objecto, a cousa que*).—«São herejes; são-no» (*o representa herejes, palavra empregada no plural*).

Convem aqui distinguir a fôrma conjunctiva composta *o que*, equivalente a *isto*, referindo-se a uma idéa, a uma oração, a um pensamento, de *o que*, adjectivo pronominal *o* e adjectivo conjunctivo *que*, equivalendo a—*aquillo que*.

—« . . . os mesmos tem Bemfica, e não em uma só parte, nem com um só genero de criação, e (o que é mais de estimar) dentro de casa». Isto é—o facto, a circumstancia de ser dentro de casa—isto é mais de estimar. *O que* fôrma composta.

—«Dividirão-se então, e o principal foi subindo aos logares mais altos, e fazendo-se senhor de todos até chegar ao mais eminente da cidade, que chamão *o cesto*; *o que* não foi sem grande trabalho e mais sangue». Isto é—o chegar ao mais eminente da cidade—*isto* não foi sem grande trabalho. *O que* fôrma composta.

—« . . . e para isso direi *o que* disto, se trata nas suas chronicas».

Isto é—*aquillo*—*que* se tracta em suas chronicas. *O que*, o adj. pron. e *que* adj. conjunctivo.

Nos exemplos dados ha outros adjectivos pronominaes de que deixamos de tratar, e que podem servir para exercicios.

NOTA.—Sustentão uns que no portuguez ha o genero neutro, outros que ao contrario nelle não o ha.

Discussida como se acha esta questão por dois distinctos grammaticos, expondo-a cada

qual com mais erudição e clareza, limitamos a transcrever para as suas opiniões. Do que fica dito, se vê que seguimos a ultima dellas.

«Tratemós—diz Leoni—agora de investigar si na lingua portugueza ha nomes *neutros* e desinencias designativas deste genero.—E' esta uma questão em que muitos homens doutos se teem exercitado; sustentando uns que temos o referido genero, e outros que taes nomes e desinencias são absolutamente extranhos á lingua portugueza.—João de Barros, que entre nós foi o primeiro que poz em arte nossa linguagem, como elle mesmo deixou escrito, classifica de neutros os nomes das letras do *a, b, c*, os nomes verbaes formados do infinito do presente, como *o querer, o amar, o ler*, e o relativo *al*.—J. Soares Barbosa diz que são neutras as terceiras terminações de alguns de nossos adjectivos de 3 fórmãs, a primeira dos adjectivos de duas, e ainda a unica dos adjectivos de uma só, quando se empregão no discurso ou substantivamente ou para modificarem orações inteiras.—Finalmente F. Solano Constancio, um de nossos philologos, que nestes ultimos tempos mais se occuparão da sciencia grammatical, nega a existencia do genero neutro, pelo motivo que allega de que não temos terminações correspondentes ás latinas *ud, um* e *al*.—Esta razão que, á primeira vista parece de grande momento, torna-se de nenhuma importancia, si considerarmos que, confundidos os casos dos nomes com a corrupção da lingua latina ficarão estes conservando sómente a desinencia do ablativo

do singular, desinencia ainda algumas vezes alterada, mas a que todas as dos outros casos vierão a reduzir-se, sendo, portanto, inutil pretender que os nomes portuguezes, e mesmo os de todas as linguas derivadas do latim, que passárão pelo mesmo processo, conservem as terminações em *ud*, *um* e *al*, que são unicamente as do nominativo dos nomes latinos.

Pela mesma razão poderia o A. sustentar que não são masculinos os nomes portuguezes tomados dos latinos que formão o nominativo em *us*, porque nenhum nome portuguez tem esta terminação.

A verdade é que formados nossos vocabulos do ablativo do singular dos nomes latinos, os que provem dos neutros não perdêrão a desinencia distinctiva do genero; mas sendo esta desinencia a mesma que dos nomes masculinos tomados do referido caso, os dois generos devião confundir-se e effectivamente se confundirão; porque na epocha da formação da lingua portugueza a ignorancia não permittia conservar-se uma differença que não se dando, digamol-o assim, *materialmente*, só podia considerar-se de uma maneira intellectual, e por deducção etymologica, o que não tinha proveito algum real, e não era de esperar de um povo sem cultura e sem letras.

O provir igualmente a terminação de nomes adjectivos do ablativo do singular dos latinos, contribuiu ainda para apagar toda a distincção entre masculinos e neutros; porque sabemos que os adjectivos latinos de tres fórmas só tem uma no ablativo do singular para os dois referidos generos.—Concordando pois

os adjectivos com os substantivos, e achando-se aquelles, no caso destes isto é, não tendo uma fôrma que distinga os neutros dos masculinos, porque os tomamos do caso latino em que ambos se confundem, daqui veio perder-se toda a distincção que podíamos fazer entre os dois referidos generos.

Concluiremos com dizer que não fazemos hoje distincção alguma entre os dois mencionados generos *masculino* e *neutro*; e mesmo fôra uma ociosidade e impertinencia grammatical toda a distincção que se pretendesse assignar entre nomes que se confundem assim na propria desinencia, como na dos adjectivos que pedem pela regra da concordancia».

Diz Sotero: «O adjectivo demonstrativo, *o*, (mais tarde chamou elle a este adjectivo em sua grammatica — pronominal) em sua fôrma neutra adoptado do latim, *id*, representa não só membros, mas ainda orações inteiras e sentidos extensos e complicados.

«E' de notar que não tendo o adjectivo conjunctivo terminação neutra em sua fôrma variavel, *o qual*, *a qual*, ou terminação da mesma natureza; que, *isto*, *isso*, *o*, *aquillo*, *al*, *algo*, *tudo*, a lingua reputou necessaria adoptando para suppril-a a fôrma composta, *o que*, que em muitos casos se torna tão homogenea, que equivale precisamente a *quod* em latim, *cousa que*, ou *a qual cousa* em Portuguez.

As sobreditas terminações neutras, que os grammaticos reputão hoje masculinas, reduzindo tudo a systemas estreitos, e insufficientes, como si a lingua que tem outras anoma-

lias, não pudesse ter também a de generos nestes casos especiaes, correspondem não só ás terminações neutras latinas do singular, suas analogas, *istud, hoc, ipsum, id, illud, atul, aliquod* ou *aliquid, totum, id quod* ou *quod*, mas ainda, elegantemente, ás neutras latinas do plural *ista, hec, ipsa, ea, illa, alia, aliqua, tota, ea quæ* ou *quæ*.

Accresce ainda que antigos grammaticos, como João de Barros, consideravão ás referidas terminações *variações neutras* de *este, esse, aquelle* etc., como na realidade são, quer se attenda a sua origem latina quer ao seu emprego na lingua portugueza, onde nunca se applicão a individuos ou objectos do genero masculino e feminino, como acontece com as outras terminações dos demonstrativos e partitivos mencionados:—*Este* homem, *esta* mulher, *outro* officio, *outra* terra, etc.

E' singular que Constancio, homem aliás douto, responda a esta tão sensata opinião de João de Barros, resistindo á evidencia e dando por provado o que não está: «Mas em portuguez não existe genero neutro». Tanto pôde em nós o espirito do systema!

E' ainda de notar que os nossos classicos, assim como collocavão em principio de periodo a fórma neutra composta do adjectivo conjunctivo, *o que, equivalente a e isto*, assim por igual imitação dos latinos, collocavão tambem em principio de periodo o mesmo adjectivo conjunctivo em sua fórma variavel *o qual, a*

qual, equivalendo a *e este*, a *e esta*. Isto, porém, já cahio em desuso, e é hoje modo de fallar antiquado».

CONCORDANCIA.

Do verbo com o sujeito.

XXX—O verbo concorda com o sujeito em n.º e pessoa:—«Cheguei, vi, venci». Neste exemplo os tres verbos accommodão-se á pessoa e ao n.º do sujeito occulto *eu*.

XXXI—Quando o sujeito se compuzer de pronomes de pessoas diversas ligados pela conjunção copulativa *e* ou pela disjunctiva *ou*, o verbo põe-se *no plural* e na pessoa que tiver prioridade sobre as outras. A 1.ª a tem sobre a 2.ª, e esta sobre a 3.ª; exemplos:

—«Eu *e* tu fallaremos» (verdadeiro sujeito nós).

—«Eu *e* elle fallaremos» (verdadeiro sujeito nós).

—«Tu *e* elle direis a verdade » (verdadeiro sujeito vós).

—«Eu *ou* tu fallaremos» (verdadeiro sujeito nós).

—«Eu *ou* elle iremes » (verdadeiro sujeito nós).

—«Tu *ou* elle direis a verdade » (verdadeiro sujeito vós).

A concordancia explicada com relação a conjunção *ou* parece pouco logica; tem, porém, a vantagem de ser muito mais euphonica do que qualquer outra que se pretenda fazer.

Ou condemnemos a construcção—«Eu *ou* tu fallaremos» substituindo-a por outra, por

exemplo—«Um de nós fallará», ou então a adoptemos, fazendo a concordancia no plural: não ha um meio termo; repugna muito dizer, como pretendem—« Eu ou tu fallarás »; fere rudemente os ouvidos construcção tal, por isso não a julgamos digna de ser adoptada.

NOTA.—Eis o que a respeito deste ponto escrevem diversos grammaticos de autoridade:

«Si os sujeitos são da 1.^a e 2.^a pessoa do singular, o verbo se põe no plural, e na 1.^a pessoa.

«Eu ou tu fallaremos».

Neste caso o verdadeiro sujeito é o pronome *nós*».

(Sotero, Gram. Port).

«Ou. Quando ha differença de pessoas entre os sujeitos, o verbo toma o plural, v. g. *Eu ou meu irmão responderemos*; Ou *eu ou tu havemos de ir hoje á cidade*. Nestas duas concordancias pouco logicas predomina a euphonia da lingua, que não admite dizer-se:

«*Eu ou tu has de ir*».

(Passos, dicc. gram.).

«524. Representando as palavras componentes do sujeito diferentes pessoas, o verbo irá para o plural, e concordará com a que tiver prioridade, ex: «Desta vez ou eu ou tu seremos presidente da camara».

(Julio Rib.º, Gram. Port.).

«Si os sujeitos ligados pela conjuncção *ou* forem de differente pessoa ou si a conjuncção

ou não for totalmente exclusiva, irá o verbo para o plural.

Na lingua latina e na franceza onde se observa a mesma regra geral, encontra-se igualmente o verbo no plural, quando são os sujeitos ligados pela conjunção *aut*; *ou* (*ou*)».

(Dr. Ernesto Carneiro, G. Port.)

«690.—Si os sujeitos reunidos pela conjunção *ou* não são da mesma pessoa, põe-se o verbo no plural, e elle concordará com a pessoa que tem a prioridade: Vós *ou* eu *seremos* chamados; Tu *ou* Paulo *ficareis* aqui.

Neste caso é melhor repetir o pronome plural e dizer: *Vós ou eu, nós* seremos chamados».

(F. P. B., Gr. fr.)

XXXII—Si os sujeitos são da 3.^a pessoa, e estão ligados pela disjunctiva *ou*, o verbo vaê para a 3.^a pessoa do singular: — «Pedro *ou* João fallará».

Neste caso, porém, emprega-se o verbo no plural si a conjunção *não for totalmentê exclusiva*:—«... sem haver um dia vago em que a morte *ou* o infortunio não andem visitando ja esta ja aquellã casa».

(Bernardes).

—«Qual *Austro fero ou Boreas* na espessura
De silvestre arvoredado abastecida,
Rompendo os ramos *vão* de mata escura,
Com impeto e braveza desmedida;
Brama toda a montanha, o som murmura,
Rompem-se as folhas, fere a serra erguida:
Tal andava o tumulto levantado,
Entre os deoses no Olympo consagrado».

(Camões)

Neste caso ainda, si entre os sujeitos, um for do singular, outro do plural, a concórdancia se fará com o mais proximo:—«Maria ou os filhos virão».

XXXIII—Sendo mais de um sujeito e todos da 3.^a pessoa, ligados pela conjunção copulativa *e*, põe-se o verbo na mesma pessoa e no plural:—«Pedro e João são irmãos».

Referindo-se no entanto os diversos sujeitos a uma só pessoa, ficará o verbo no singular. Assim podemos dizer á mulher e filhos de um sujeito que acaba de morrer:—«Vosso esposo e pae não existe mais».

Si os sujeitos forem cousa, não é raro ficar o verbo no singular, o que se explica pela figura zéugma. Isto dá-se mormente estando a oração na ordem inversa e sendo os sujeitos synonymos ou quasi synonymos, e ainda mesmo não o sendo, exemplos:—«... a doçura e a amenidade da expressão augmentava os encantos e a magia da acção» (Monte Alverne).—«... Se a tanto me ajudar o engenho e arte» (Camões).—«Chegou o praso e dia assignalado» (Idem).—«Ouvio-o o Douro e a terra Transtaganã» (Idem).—«Cessou aquelle espanto e terror» (Luiz de Sousa).—«E foi tanto o damno e pavor que um dia amanheceo a obra e até a artilheria desamparada» (Idem).—«Parece que resuscita a Índia e o credito 1.^o dos portuguezes» (Idem).—«A um mesmo tempo se fazia a invasão e o saque» (J. Freire).—«A emulação e premio incitava a inventar cousas novas» (Idem).—«O trabalho e a necessidade fez vencer o perigo» (O mesmo).—«Se o valor e grandeza

de vosso animo vence a cobiça e crueldade do inimigo, confiada estou que o não queiraes ser de uma dama illustre» (R. Lobo).

NOTA 1.^a—A oração «Pedro e João são irmãos», segundo Sacy, não é composta; de facto, oração composta é aquella que se pôde resolver em tantas simples quantas produzir a multiplicação do n.º de sujeitos pelo de attributos simples.

Ora, é claro que se não pôde dizer:—«Pedro é irmão»—«João é irmão», nem é licito completar estas phrases por este modo:

—«Pedro é irmão de João»—«João é irmão de Pedro», porque ja neste caso entende-se complemento; não é portanto rigorosamente que está escrito.

NOTA 2.^a—«Synonymo (do grego *syn* e *ónoma*, nome)—Palavra da mesma significação ou quasi a mesma significação, que outra, como *bello*, *formoso*; *espada*, *gladio*, *alfange*; *animo*, *valor*, *coragem*; *bravura*, *intrepidez*, *denodo*».

Na introduccção do dicc. de synonymos de Roquete e Fonseca lê-se o seguinte: «...Entre os modernos philologos alguns querem que, propriamente fallando, não haja *synonymos*, nem nas linguas antigas nem nas modernas; pois que as palavras a que se dá este nome, posto que se refirão a uma mesma idéa, a qualificção de distincto modo, é por conseguinte não significão a mesma cousa e não são *synonymos* Ainda bem que tal opinião é pouco seguida, e muitos litteratos eminentes, sendo deste n.º M. Gaizot, entendem

por dicc. de *synonymos*, não uma serie de palavras soitas accumuladas umas sobre as outras, ás vezes com pouca relação, ou com accepções que nada se parecem, senão um tratado discursado em que *se reunão aquelles termos cujo sentido tem grandes relações e leves differenças, mas reaes*. Esta é a opinião que seguimos, tanto mais do nosso gosto quanto se desvia dos dois extremos».

XXXIV—O verbo ficará no singular, embora haja mais de um sujeito da 3.^a pessoa, quando exista uma palavra que os abranja a todos, por exemplo, *tudo, nada*:—«Novellas e romances populares; poesias e dramas, *tudo* revela esse espirito que se incarnara no povo» (Lopes de Mendonça).—«A perigosa communicação de estranhos cultos e de lisongeiras delicias; o eminente precipicio de um poder immenso; desastres consecutivos; desterrros da patria; servidão na terra inimiga; perda da independencia e sujeição ao estrangeiro; *nada* abalou no coração dos justos a esperança e a verdade» (Rebello da Silva).

XXXV—«Quando os sujeitos são postos por gradação o verbo concorda com o ultimo, si ha unidade de pensamento:—«A familia, a patria, o genero humano se honra com um tal genio».

«Si ha, porém, pluralidade de pensamento, o verbo se põe no plural:—«A alegria, o prazer, a riqueza deste mundo *nada* durão» (F. P. B.).

XXXVI—Com a conjuncção *nem* e outras repetidas põe-se o verbo no plural si os sujeitos podem todos praticar simultaneamente a acção, e no singular no caso de se dar a alter-

nativa.—«Nem este nem aquelle quadro me agradão» (podião ambos agradar ao mesmo tempo; não é rigorosa a exclusão de um dos sujeitos).—«Nem Pedro nem Luiz obteve o primeiro premio da exposição» (só havendo um primeiro premio, dá-se a exclusão de um dos sujeitos). Vide Gr. de F. P. B.

E' de notar que nem sempre é seguida esta regra que aliás parece razoavel. J. Freire, por exemplo, empregou um verbo no singular sem que se dêsse a alternativa:—«. . . nem a cobiça dos soldados, nem a razão da guerra *soffria* que os ouvissem, etc.».

XXXVII—Sendo o sujeito um collectivo geral e estando proximo d'elle o verbo, fica este no singular:—«O cêo *fere* com gritos nisto a gente» (Camões).

Não-estando o collectivo proximo do verbo, vae este ordinariamente para o plural:

—«E disse assi: O' Padre a cujo imperio
Tudo aquillo obedece, que creaste;
Se *esta gente*, que busca outro hêmispherio,
Cuja valia e obra tanto amaste,
Não queres que *padeção* vituperio,
Como ha ja tanto tempo que ordenaste,
Não ouças mais, pois es juiz direito,
Razões de quem parece que é suspeito».

(Camões).

—«

Dest'arte a gente força e esforça Nuno,
Que (a qual gente) com lhe ouvir as ultimas razões,
Removem o temor frio, importuno,
Que gelados lhe tinha os corações:

Nos animaes *cavalgão* de Neptunó,
Brandindo, e volteando arremessões;
Vão correndo e gritando á boca aberta:
«Viva o famoso rei que nos liberta».

(O mesmo).

Embora proximo o collectivo com o qual mais de um verbo concorde, faz-se a concordancia sylleptica menos em relação ao 1.º verbo:—«Acodio *todo o campo* ao arrecife, e *matarão* cinco dos nossos» (Luiz de Sousa).

XXXVIII — Quando o collectivo é partitivo modificado por um complemento restrictivo no plural, vae quasi sempre o verbo a este n.º por syllepse; ex.^{os} :— « Sem protecção nem abrigo, expostos ás influencias de atmospherá mal-san e aos accidentes de vida semi-barbara, *a maior parte delles* perecerão, diz-se que, principalmente, devorados pelos crocodilos, de que a ilha então abundava».

(A. Herc.).

—«O fanatismo conhecia que errara, em parte, o golpe, vendo que *a maioria dos infieis* preferião a emigração a pedirem o baptismo e a fingirem-se convertidos».

(O mesmo).

Encontrão-se comtudo exemplos em bons autores fazendo a concordancia no singular:

—«Um inverno em que a aldêa estava feita

côrte com homens de tanto preço, que a podia fazer em qualquer parte, *se juntava a maior parte delles em casa de um antigo morador daquelle logar*» (R. Lobo).

—«A qui *arrémeteo* tumultuariamente *um grão troço de mouros*» (J. Freire).

F. P. B. diz em sua excellente grammatica que neste caso fazem concordar o verbo com a palavra que exprime a idéa dominante:—*Um bando de assassinos* entrou na camara de *Cogny*.

Passos entende que com o colectivo *parcial* (partitivo) seguido de restrictivo de qualificação no plural, si o verbo precede ao sujeito, fica ordinariamente no singular; como no seguinte ex.: «*Dos mouros, pereceo a maior parte, uns no conflicto, os mais na retirada*» (J. Freire); e que pelo contrario, quando a construcção é directa, é muito usada a concordancia do verbo no plural v. g. «*A maior parte dos homens amão a virtude*».

Apezar desta regra nota-se o seguinte ex.º em Luiz de Sousa:—«... parecendo-lhe que convinha passar alem, achou uma pequena porta junto aonde era a aduana, a qual *deseñdião tanto numero de mouros e tão inteiros* que por muitas vezes fizeram retirar os nossos, etc.».

Brou escreve: «Si o sujeito for um colectivo partitivo seguido de um restrictivo do plural, o verbo vae geralmente ao plural, ainda que tambem possa ficar no singular».

Inclinamo-nos á opinião de F. P. B. fazendo a concordancia com a palavra que exprime a idéa dominante.

XXXIX — As conjunções *bem como, assim*

como, do mesmo modo que, e diremos como, nada influem para a concordancia do verbo principal com o sujeito, segundo observa o dr. A. J. de Mello Moraes em seus «Elementos de litteratura»:—«O bom rei, bem como os vassallos fieis, quer sempre a bem».

XL—Influem para a concordancia do verbo a conjunção *não só-como* e suas equivalentes com a força da copulativa *e*; ex.^{os} :

—«Assim Saul como David (isto é—Saul e David) debaixo de seu saial erão homens de tão grandes espiritos, como logo mostrarão suas obras» (Vieira, ex.^o citado pelo dr. Ernesto Carneiro).

—«Tanto uma como outra (isto é—uma e outra) honrão, etc.» (Sôtero).

No seguinte exemplo ha ellipse de *tanto*:—«O oceano (isto é *tanto* o oceano), como a atmosphera, parecem ter sido outr'ora muito mais consideraveis».

Em lugar de *como* empregão às vezes *senão*, *mas ainda*, etc. e em lugar de *não só*, *tanto*, *assim*, etc.

XLI — O complemento de companhia, embora venha antes do verbo, não deve influir para a concordancia d'elle com o sujeito:—«O rei *com a rainha* visitou aquelle officio». — «Rumecão *com os turcos* assaltou o baluarte S. Thomé» (J. Freire). — «D. João Mascarenhas encommendou a Martim Botelho, soldado de confiança, *que com dez companheiros* se fosse lançar na ponte» (Idem). — «O Hidalção . . . , vendo Afonso de Albuquerque fóra de a poder defender *com muita gente de pé e de cavallo* a veio

cercar (*a* refere-se a Goa), e fez, perto dum estreito de agua salgada, que em tórno cêrca a ilha, uma fortaleza» (Idem).—«Forão (mes-tres) na grammatica Diogo Ortiz de Vilhegas, famoso lettrado e pregador, castelhano de na-ção e muito nobre, que *com outro irmão* (isto é—o qual Diogo Ortiz de Vilhegas com outro irmão) viera a este reino acompanhando a Princesa D. Izabel, etc.» (Luiz de Sousa).

Todavia é de notar que ás vezes por syllepse fazem a concordancia no plural, e dizem v. g. —«*Eu com minha mulher enviamos saudade*», sendo neste caso o verdadeiro sujeito, o que se tem em mente, *nós*; está *com* com a força de *e*.

Rodrigues Lobo no seguinte exemplo considerou *o sangue junto ao cargo* dois sujeitos; levou o verbo ao plural, quando *junto ao cargo* é mero complemento ligado da loc. prepositiva *junto a*:

—«E como *o sangue* donde descendia, *junto ao cargo* que levava. *o fazião* de maior preço para os que o captivárão, ficou impossibilitado o seu resgate».

XLII — Quando o attributo é substantivo, e o sujeito não é pessoa, a concordancia do verbo se faz de preferencia com aquelle, a cujo n.º se accomoda; exemplos:—«*Um dos grandes males do paiz erão os juizes apostolicos especiaes* que se obtinhão por via de escritos de Roma» (A. Herc.).—«Não ha, porém, entre tantos indicios um unico facto que, positiva e directamente, prove o aferro delles á religião judaica: *tudo são indicações negativas*» (Idem).—«O Catão é realmente uma tragedia, que traduz plenamente a epocha. *O fundo são essas as-*

pirações para a liberdade antiga» (Lopes de Mendonça).—«*O que se nota sobre tudo no joven poeta são as tendencias progressivas. . .*» (Idem).—«*A força são Turcos e Janizaros»* (J. Freire).—«*Tudo erão armas de fogo»* (Idem).—«*Foi aqui grande o perigo porque, como tudo erão armas de fogo, obrava menos o valor que a contingencia»* (Idem).—«*E assim como os metaes que entre elles se crião, sahẽ brutos, tãscos e desconhecidos, até que por via da fundição, beneficio da arte, têm lustro, força e merecimento; assim a forja em que se operão os homens são escolas, etc.»* (Rodrigues Lobo).—«*A fraqueza, a cobiça e o estomago tudo são indicações, etc.»* (Padre Antonio Vieira).—«*Os peccados, que não occultaes, são a razão do castigo»* (Idem).

Dos exemplos dados só neste em que o attributo está no singular, se fez a concordancia do verbo com o sujeito — plural.

NOTA.—Ensinárão-nos a analysar essas phrases invertindo-as. Assim o ponto — «*A força são Turcos e Janizaros»* invertião para — «*Turcos e Janizaros são a força»*, afim de fazer o verbo concordar com o sujeito em n.º e pessoa. Certamente não reflectião que no 1.º caso dar-se-hia a discordancia do verbo em n.º e no ultimo a do attributo ainda em n.º E porque, perguntamos, pôde o attributo deixar de concordar com o sujeito, e não o verbo? *Porque a discordancia do attributo está prevista na grammatica, e a do verbo não.*

Isto não é razão; alem do que não é licito

inverter o pensamento de quem escreve para evitar uma falta grammatical—uma discordancia em numero—e cair na mesma falta.

Casos ha evidentes, não o negam os em que a inversão é toleravel, como em—« O cubo é uma figura de seis faces iguaes » ou—« Uma figura de seis faces iguaes é o cubo »; mas aqui ha perfeita identidade entre o sujeito e o attributo, de modo que uma cousa significa exacta, exclusivamente, a outra, digamol-o assim. Nada obstante, não vemos necessidade de inversão alguma, quando a analyse deve ser feita de accôrdo com a construcção do ponto, segundo o pensamento do escritor. Note-se ainda que aqui o sujeito e o attributo são do mesmo n.º

Com alguma attenção ver-se-ha que « a força » é a idéa principal no ponto—« A força são Turcos e Janisaros ». « Turcos e Janisaros são a força » é uma nova construcção em que a idéa accessoria passa a figurar de principal.

E' sem acanhamento que nos afastamos do modo vulgar de analysar entre nós pontos taes, porque temos em nosso favor a opinião de Bescherelle-ainè, autoridade ácima da qual nenhuma vemos.

Diz elle: « *Verbo no plural com um sujeito singular.* »

—« *O que vos disse lá, não são canções.* »

(Montesquieu).

—«Saber manejar os cavallos e as armas são talentos communs ao caçador e ao guerreiro».

(Buffon).

.....

O que prova que estas phrases são de bom cunho, é que seria impossivel pôr o singular em lugar do plural, sem que a euphonia soffresse. Tenha-se em conta a direcção de vista do espirito que attende mais para a palavra que segue o verbo do que para aquella que o precede. Com effeito, dominados os autores pela idéa desta palavra, que está no plural, põem o verbo no mesmo n.º sem se aperceber que violão as leis da grammatica, e talvez mesmo sem se importar com isso.

Preferem se deixar conduzir pela natureza das idéas a arrastar-se penosamente sobre as palavras.

Pela mesma razão disse Moliere:

—«Quatro ou cinco mil excudos é uma fortuna consideravel», pondo o verbo em concordancia com a palavra *fortuna* em lugar de o fazer com o verdadeiro sujeito».

Quando o sujeito é pessoa, a concordancia se faz com elle: «Tito era as delicias de Roma»; «Nós somos a causa de tantos males». Ainda sendo cousa, estando o attributo no singular, ha exemplos de ser a concordancia feita com o sujeito. Alem do ultimo dos acima, citemos ainda este: —«Os seus cantos são um gemido» (L. de Mendonça).

Emilio Monteverde sustenta a opinião que

seguimos em seu Manual Encyclopedico, e o sr. Julio Ribeiro tambem o faz em sua grammatica portugueza, mas este só em relação ao caso em que o sujeito é *tudo*.

XLIII—Quando o sujeito é *um e outro*, o verbo põe-se no singular ou plural, si bem que nos pareça irregular e sem necessidade alguma a 1ª concordancia que é contra a syntaxe.

No singular.

† *Uma e outra cousa abrasava os membros abafados do pêso das armãs* (Luiz de Sousa).—*«Para que uma e outra, de algum modo, tenha proporcionada materia de gloria, importa á mesma grandeza da misericordia que os peccados sejam grandes»* (Vieira).—*«Mas certamente que uma e outra era devida áquella gentil senhora»* (Rodrigues Lobo).

No plural.

«E uma e outra cousa o trazião gravissimamente offendido e descontente» (Luiz de Sousa).—*«Um e outro dão-nos certamente a linguagem do seu tempo»* (Sotero).

XLIV—Si o sujeito é o conjunctivo *quem*, o verbo emprega-se sempre na 3.ª pessoa, e si é o conjunctivo *que* pôde ir para qualquer pessoa, conforme o antecedente que tiver:

—*«Fui eu, tu ou elle quem fallou»*.

—*«Fui eu que fallei»*.

—*«Foste tu que fallaste»*.

—*«Foi elle que fallou»*.

A oração *«quem fallou»* pôde ser transposta:

—«Quem fallou, fui eu»; o mesmo não se póde fazer com as outras incidentes. A razão disto é que *quem* tem o antecedente nelle incluído, vindo *quem* a ser o mesmo que a *pessoa que*, ao passo que o conjunctivo *que* tem seu antecedente *eu, tu* ou *elle* claro; portanto não póde vir antes do pronome expresso.

Completa qualquer das tres ultimas phrases, fica v. g.—«Eu fui a pessoa, o individuo que fallei» (mais euphonico) ou—«Eu fui a pessoa, o individuo que fallou» (*o qual individuo fallou*, mais regular).

Basta citar os seguintes exemplos com que provamos o que fica dito:

—« . . não-fui *eu quem* lhe *ensinou* a ir contra os dictionarios» (F. Elysio).

—«Não fui *eu quem* *deo* causa aos males que possão sobrevir» (A. Herc.).—«Aqui se conta que perguntando as vigias *quem* *erão*? respondera um soldado que Garcia Rodrigues de Tavora» (J. Freire).—«E despedindo-se lanção suas joias e pannos a *quem* *querem*» (F. L. de Castan).—«A verdade é triste, mas não fomos nós que a fizemos» (Lopes de Mend.).

—«Não sou *eu o* *primeiro* que a nomes substantivos *graduou* por adjectivos» (F. Elysio).

NOTA. Dos exemplos dados se colhe ainda que *que* e *quem* servem para ambos os numeros, assim como é certo que servem tambem para ambos os generos. *Quem* tem antecedente expresso em alguns casos, como em—«O homem de quem fallas, é meu inimigo» (o homem do qual homem). Com antecedente claro é sem

pre precedido de prep., como se vê do exemplo apresentado. Póde referir-se a cousas personificadas:

—«As graças a Deos dava, e razão tinha;
Que não sómente a terra lhe mostrava,
Que com tanto temor buscando vinha,
Por *quem* (pela qual terra) tanto trabalho experimentava:

Mas via-se livrado tão asinha
Da morte que no mar aparelhava
O vento duro, fervido e medonho,
Como quem despertou de horrendo sonho».

(Camões).

—«Eu sou aquelle occulto, e grande Cabo
A *quem* (ao qual Cabo) chamaes vós outros Tormentorio;
Que nunca a Ptolomeo, Pomponio, Estrabo,
Plinio, e quantos passárão, fui notorio:
Aqui toda a Africana costa acabo
Neste meu nunca visto promontorio
Que para o pollo Anctartico se estende,
A *quem* (ao qual promontorio) vossa ousadia tanto offende».

(Idem).

—«Quem (a parte, o lugar que) mais temia
erão *as terras de Gibraltar e seu contorn»* (L. de Sousa).

—«Em geral a Marilia de Dirceu é um dos
livros *a quem* (ao qual livro) o publico fez immediata e boa justiça» (Garrett).

—« . . defendião aquella cidade como membros do Estado de *quem* (do qual Estado) ja erão

por obediencia vassallos e filhos por amor»
(J. Freire).

«Estes mysterios *a quem* (aos quaes mysterios) imputaes vossa incredulidade, serião um obstaculo para reunir-vos em seu seio?»
(Monte Alverne).

Diga-se portanto que *que* refere-se tanto a pessoas como a cousas, e *quem* a pessoas e a cousas personificadas.

Na divisão das orações, si *quem* é sujeito ou attributo da proposição á cuja frente se acha, separe-se da preposição que o precede, e que rege um complemento da oração anterior.

«—Quando tiver sede, lembral-a a—quem não bebe (isto é á pessoa—que, sujeito, não bebe)».

(Rodrigues Lobo).

—«E de tudo ser tão conforme a quem (á pessoa—que, attributo) vós sois, e á grande confiança que sua Alteza de vós tem, recebo tanto contentamento, como é razão, etc.».

(J. Freire).

XLV—«*Um dos companheiros que bebêrão, caio morto*».

(Bernardes).

—«*Um dos christãos novos que alli primeiramente se prendêrão* foi o rendeiro do almoxarifado, Gabriel Furtado».

(A. Herc.).

—«A esperanza de que accederia facilmen-

te á semelhante condição, fôra *um dos principaes motivos que a haviam movido a conceder a Inquisição em toda a sua plenitude*».

(O mesmo).

—«No seu gyro o imploravel commissario chegou a Miranda do Douro, e esse districto parece ter sido *um dos que lhe subministrarão mais abundante seara de extorsões e violencias*».

(O mesmo).

«Frei Antonio das Chagas foi *um daquelles autores que mais souberão os mysterios da lingua portugueza*».

(Candido Lusitano).

—*Uma das maximas que se devião evitar entre os politicos é esta*».

(Antonio V.^a).

—«Foi esta facção *uma das mais illustres que se achão nas histórias humanas*».

(J. Freire).

—«Era Simião de Sousa *um dos valentes soldados que tinhão passado a India*».

(Luiz de Sousa).

—«*Um delles, que sabia menos que os mais daquela leitura, tinha tudo que ouvia ler por verdadeirc*».

(R. Lobo).

—«*Dos nossos escritores, um que falla de vista e com miudeza e como homem de guerra, sóbe o n.º a pouco mais de cento e cincoenta mil.*»

(L. de Sousa).

Pretendemos estudar a que n.º deve ir o verbo da oração incidente que tem por antecedente a expressão *um dos* ou outra equivalente, o que importa indagar si o adjectivo conjunctivo, sujeito della, deve referir-se a *um* ou a *os*; o que determinará a concordancia do verbo da dita oração incidente.

Não se pôde taxar de incorrecta qualquer uma das duas concordancias, mas parece mais rasoavel que a referencia do conjunctivo se dê em relação a—*os*—que é a palavra mais proxima; e neste caso o verbo irá ao plural.

E quando o sentido rigorosamente exija a referencia a *um*, preferimos a inversão do complemento, de modo que fique o conjunctivo junto de seu antecedente. Esta construção foi a que se deo no ponto citado de L. de Sousa. A ser seguida, no penultimo exemplo, em logar de—«*Um delles que sabia*», ter-se-ha—«*Delles um que sabia. . . .*»

Convem saber que o dr. Mello Moraes sustenta esta opinião em seus *Elementos de Literatura*.

XLVI—Com o verbo *lembrar* e outros, como *aborrecer*, *esquecer*, usa-se ora da 1.ª pessoa do presente do indicativo, ora da 3.ª tornando-os unipessoaes pela fórmula; assim pôde-se dizer:—«*Eu me lembro disto*», ou—«*Isto lembra-me*» ou «*lembra a mim*»; ex.ºs:—«*Bem me*

lembro (entende-se *eu*) que (em lugar de *de que*, servindo a oração de compl. term.) esta usança se tinha já exterminado da nossa côrte» (Antonio V.^a).—«*Lembra-me* (sujeito a oração de *que*), disse Pindaro, que no 5.^o vicio condemnastes o. querer um homem fallar tudo, e não déstes regra aos que fallão pouco» (R. Lobo).—«*Isto me lembra* (sujeito a oração de *que*, sendo *isto* compl. obj. de *prometti*) que prometi a Vossa Paternidade, padre nosso provincial, o dia que me obrigou com censuras a aceitar este cargo» (L. de Sousa).

XLVII—«Feitas as explorações e assentadas as bases da colonisação, vio o governo portuguez os obstáculos que *havião* em proseguir por si o povoamento do Brazil».

Esta phrase encontramol-a nós em uma obra aliás de merito para a instrucção da infancia. Attribuimos o êrro que nella se nota a mero descuido, porque não cremos que seu autor ignore que o verbo *haver* na accepção de *existir* é unipessoal, e como tal não pôde ser levado ao plural.

Corrije-se a mencionada phrase:—«Feitas as explorações e assentadas as bases da colonisação, vio o governo portuguez os obstaculos que *havia* em proseguir por si o povoamento do Brazil».

Só consideramos três casos em que este verbo pôde ser usado no plural.

1.^o Quando é tomado como reflexo:—«Os nossos *houverão-se* hoje como verdadeiros heroes (isto é—*portarão-se*)».—«*Havião-se* (tinhão-se) por seguros de poderem chegar alli christãos» (L. de Sousa).

2.º Quando é auxiliar:—«Antonio e João *havião-me dito* por varias vezes o que agora me acabas de asseverar».

3.º Quando é empregado no sentido de *obter*:—«Elles *houverão* do pae a fortuna que teem (isto é—*obtiverão*)».—«Delle o cavallo *houverão* (isto é—*obtiverão*)».

Que o verbo *haver* na accepção de *existir* deve ficar no singular sempre, sem excepção alguma, é uma cousa completamente assentada: a divergencia que ha é no modo de analyse neste caso.

«Ha homens», analysa *Bescherelle*, homem de grande erudição, é o mesmo que—«O mundo *ha* ou *tem* homens» (dá ao verbo *haver* a significação de *ter*).

«Ha homens», diz *Sotero*, aquelle a quem tanto deve a instrucção no Maranhão, é o mesmo que *ha, existe, n.º, quantidade de homens*.

Existe exprime melhor o sentido da phrase do que *tem*; entretanto não julgamos incabivel a outra opinião que tem a seu favor a grande autoridade de quem a dá.

NOTA.—Convem dar alguns esclarecimentos ácerca do emprego deste verbo. As expressões—«Ha cerca de» e—«A'cerca de» são ambas correctas. *A'cerca de* é locução prepositiva correspondente a *Quanto a, Com relação a, etc.*:—«A'cerca do que me pedes, nada direi por ora».

Ha cerca de é uma oração incompleta que traz em si a idéa de tempo:—«Via-a ha cerca de um mez».

Confunde-se muito o emprego da preposição *a* com o do verbo *ha*, por exemplo:

—«Vi-te *a* dias» em lugar de—«Vi-te *ha* dias.

—«De hoje *ha* cinco dias» em lugar de—«De hoje *a* cinco dias».

Confundem também muito *há* com *havia*:

—«A rainha de Portugal, que *ha* (*havia*) cinco annos *estava* doente, falleceu entretanto no começo deste anno». E' claro que os dois verbos *havia* e *estava* devem guardar entre si a relação de simultaneidade.

XLVIII—«Faz dois annos que meu pae morreo» ou «fazem dois annos que meo pae morreo»?

Para estudar esta questão, citemos aqui as palavras de algumas autoridades na materia.

O sr. Julio Ribeiro escreve: «Sem que sejam impessoaes por sua natureza, muitos verbos são usados impessoalmente.

A' excepção de *dar*, *fazer* e *haver*, estes verbos, quando usados impessoalmente, têm quasi sempre como sujeito uma clausula substantiva, ou um dos pronomes *isto*, *isso*, *aquillo*, etc.

«O verbo *fazer* empregado em sentença como—«Faz annos que estou aqui»—«Faz mezes que nos vimos», conservando-se transitivo, assume o caracter de verdadeiro verbo impessoal, e não póde ter sujeito claro».

Escreve também o dr. E. Carneiro Ribeiro:

«Como o verbo *haver*, empregão muitas vezes os nossos escritores o verbo *fazer* com um sujeito elliptico e complemento directo expresso, dizendo: *faz muitos mezes, faz muitos*

annos, faz três lustros, duas semanas que succedeo isso. «Faz quarenta dias que estou de cama» (Vieira).

O sujeito elliptico destas phrases é o substantivo tempo ou outro equivalente, supprindo-se as mesmas do seguinte modo: o tempo faz, isto é, completa muitos mezes, muitos annos, muitos lustros; o tempo em que estou de cama faz, isto é, completa quarenta dias, ou o tempo decorrido desde que estou de cama faz ou completa, etc.»

Tratando J. A. Passos do hiato diz: « . . .

Dos hiatos que formão os quatro exemplos, o primeiro se pôde evitar interpondo alguma palavra entre o verbo *ha* e o nome *annos*, v. g. *Ha muitos annos, ha varios annos*, etc.; ou mudando a phrase, v. g. *Faz annos que aconteceu este facto* (isto é, *o tempo decorrido depois que aconteceu este facto faz porção de annos*)».

Nenhum dos autores citados emprega o verbo no plural; portanto das duas phrases que apresentamos a correcta é a—«Faz dois annos que meu pae morreo».

Agora diremos a maneira por que a analysamos. Parece-nos fóra de duvida que *faz* no caso presente emprega-se por *ha*: «*Ha* dois annos que meu pae morreo»; o sentido é o mesmo. E si assim for, está posta a limpo a questão, visto como preceituão as grammaticas a maneira, por que se deve analysar o verbo *haver*, unipessoal (Consulte-se o n.º anterior).

«Que meu pae morreo», ou se empregue *ha*, ou se empregue *faz*, é uma proposição cir-

cumstancial de *tempo*, estando *que* pela loc. *desde que*:—«Faz ou ha dois annos, *desde que* meu-pae morreo». Da perfeita identidade do sentido, da perfeita identidade da expressão, resulta a mesma analysa para os dois casos.

NOTA.—E' de observar que João Lisboa, escriptor correcto e elegante, empregou o verbo *fazer* em casos identicos no plural.

—«A propaganda politica, não ha negal-o, afrouxa e quebra visivelmente do seu antigo ardor; mas ainda não *fazem quatro annos* que a guerra civil assolou um dos pontos mais importantes do imperio, acompanhada e seguida da repressão».

—«Foi começado no dia 2 de fevêreiro de 1848, *fazem* agora justamente *dez annos*, e entretanto a sua extensão total é de duas milhas, pouco mais, talvez pouco menos,—não o dizemos com exactidão, porque não temos presente o plano da obra—mas a differença será em todo caso pequena».

Note-se que o dr. E. Carneiro considera o emprego do plural um solecismo.

XLIX.—«Deo 2 horas ou derão duas horas» ?

Ambas as phrases são correctas, porque o sujeito elliptico é «relogio» ou «relogios» ou outro accommodado.

Como, porém, o *acto* è simultaneamente praticado por muitos relogios, é mais geral, mais frequente o emprego do verbo no plural. Tem cabimento o singular, quando nos referimos particularmente a um relogio que ouvimos soar. Em summa só a intenção da pessoa que

falla, poderá determinar o n.º em que deve ser empregado o verbo. Alguns dizem que só é correcta a phrase: «Derão 2 horas» no sentido de: «Forão dadas 2 horas», opinião sem duvida erronea, porque *derão* não *está* na passiva.

L—Quando ha mais de um sujeito representados por orações infinitivas ou por orações completivas ligadas por conjunção, a concordancia do verbo é determinada, em n.º pelo attributo si este for um appellativo:—«Que sejas feliz e tenhas boa viagem é meu desejo».—«Nascermos, crescêrmos e morreremos é nossa condição».

Justifica-se esta concordancia com o que se disse no n.º 42.

LI—«Elles *parecem ser* verdadeiros» ou—«*Parece serem* elles verdadeiros»?

De ambas as construcções ha exemplos; a ultima, porém, offerece uma analyse mais regular, empregando-se o verbo *parecer*, como unipessoal pela fórma, como de facto elle o é neste sentido:

—«O Malsigado, os Quatro Irmãos não *parecem* de certo *pertencer* ao mimoso poeta lyrico».

(Lopes de Mendonça).

—«Os versos *parecem-nos estar* neste caso».

(O mesmo).

—«Ao que (a isto) João Machado respondeo que, por aquelle dia ser o que os mouros solemnisavão, lhe *parecia virem* elles mais a folgar que a outra cousa».

(J. Freire).

—«E' nesta nova romaria que os perigos e trabalhos *parece andarem* á porfia, tentando a perseverança e o valor do naturalista prusiano».

(Latino Coelho).

Sem infinito depois do verbo *parecer*, sendo o sujeito do plural, levão-no a esse n.º:

—«Deixando agora de particularisar miudamente a grande multidão de edificios nobres, grandes e ricos que vimos nesta cidade sómente de alguns darei relação, que me *parecerão* mais notaveis que os outros etc.».

(Fernão Mendes).

—«Muitas cousas *parecião* ao mundo, por menos costumadas, injustas».

(J. Freire).

CONCORDANCIA DO ADJECTIVO COM O NOME.

LII—O adjectivo, seja ou não attributo, concorda com o substantivo, sujeito ou não, em genero e numero:—homem *robusto*, mulher *robusta*; *este* homem; *esta* mulher.

LIII—Adjectivos ha que só têm uma terminação generica:—homem *celebre*, mulher *celebre*; homem *sagaz*, mulher *sagaz*. Destes adjectivos alguns vindo antes do nome exprimem um sentido, e vindo depois outro:—*Pobre* homem quer dizer, mais ou menos, homem *infeliz*; homem *pobre* significa homem *que não é*

rico, homem sem fortuna.—Grande homem exprime homem *notavel, extraordinario*; homem grande—*homem alto*. O mesmo se dá com alguns de duas terminações, por exemplo—*certa casa, casa certa*.

LIII—Isto, isso aquillo, tudo—outrem, alguem, ninguém, adjectivos, figurão á maneira de pronomes sós no discurso.

LV—Nos tratamentos de V. Magestade, V. Alteza, V. Exc., V. S., V. Mce. a concordância do adjectivo se faz por syllepse, no genero, masculino sendo *homem* a pessoa a quem esses tratamentos se empreguem:—«V. Magestade está *bom*,» si diz ao Imperador, não obstante ser feminino o nome expresso como sujeito—Magestade.

LVI—Quando o sujeito é um pronome do plural em vez de um do singular, o adjectivo concorda por syllepse com este—«Antes sejamos *breve* que *prolixo*» (J. de Barros).

Modernamente vae deixando de ser seguida esta regra:—«Eramos talvez um pouco *severos* nas nossas censuras» (L. de Mendonça).

LVII—Si um mesmo determinativo modifica a mais de um nome de generos differentes, deve vir expresso antes de cada nome em sua forma particular:—*Meu* livro e *minha* casa—*minha* mulher e *meus* filhos, e não—*Meu* livro e casa—*minha* mulher e filhos. Não obstante encontrão-se exemplos em que só vem expresso o 1º determinativo, apesar do genero differente dos substantivos:—«Neste tempo tratou de se pôr em salvo com *seu* thesouro e muiheres» (L. de Sousa).

LVIII—A expressão—a olhos *vistos*, posto que menos correcta do que est'outra—a olhos *visto*, é comtudo mais euphonica e mais usada.

«Ella peora a òlhos *visto*» quer dizer: «—Ella peora, sendo isto *visto* a olhos (pleonasma).

«Ella peora a olhos *vistos*» não se submette a uma analyse regular.

Disse A. Herc.:—«Os campos cobertos aqui de relvas, acolá de searas que cresião a *olhos vistos* com o calor benefico do sol, verdejavão ao longe, ricos de futuro para o pegueiro e para o lavrador».

Sem receio podemos usar, pois, da concordancia no plural.

LIX—«Um e outro soccorro»,—«Um e outro inimigo» empregou J. Freire; poderia tambem ter dito—«Um e ótro soccorros»,—Um e outro inimigos», segundo se deprehe de do seguinte exemplo de A. de Encarnação citado por Sotero em seu Curso de Litt.:—«Que passara por vezes *às Indias, Oriental e Occidental* por causa de guerras e de outros rêspeitos de honra, que a isso o demovêrão».

E' de notar comtudo que o sr. Julio Ribeiro reprova o emprego de adjectivos do singular concordando com um substantivo do plural.

LX—Quando ha substantivos de generos diversos modificados por um mesmo adjectivo, toma este a fôrma masculina e o numero plural:—«Homens, mulheres e crianças forão *mortos*». Por euphonia faz-se ás vezes a concordancia só com o substantivo mais proximo—«Officiaes e praças *reformadas*».

LXI—O adjectivo fica em uma especie de genero neutro, quando é o attributo de uma

oração, cujo sujeito é representado por um ou mais infinitos ou orações completivas ligadas por conjunção, não sendo raro a ellipse do infinito:—«Bastará subtrair successivamente o divisor do dividendo quantas vezes seja *possivel* (subtrair)».—E' raro (haver) quem seja superior ás opiniões de chancellia» (L. de Mendonça).

—«E' *possivel* que reunas

Tanta graça, tal belleza,

E te negue a Natureza

Respirar, sentir, viver?»

LXII—O participio passivo concorda pela mesma maneira com o substantivo em genero e numero:—José é *amado*—Maria é *amada*—Eu sou *amado*—Nós somos *amados*.

Convem saber que sua fôrma do singular—masculino confunde-se com o supino que d'elle se distingue por ser invariavel e só se juntar aos verbos auxiliares *ter* e *haver*, formando tempo composto:—José tem *amado*—Maria tem *amado*—Eu tenho *amado*—Nós temos *amado*. Usa-se, alem disso, o supino quer na voz activa quer na passiva:—«Tenho *passado* uma vida feliz (activa)».—«Uma vida feliz tem *sido* (supino) *passada* (partic.) por mim (passiva)».

Camões disse irregularmente:—depois de *ter pisada*, concordando *pisada* com *dama*, em lugar de conservar o supino invariavel. Em mais logares encontra-se a mesma irregularidade no eximio poeta, bem como noutros escritores de nota.

LXIII—Em geral diz-se que *cujo* concorda com a *causa possuída*:—A moça *cuja* belleza—O sol *cujos* raios. Todavia nos exemplos seguintes observa-se exactamente o contrario, *cujo* concorda com o *possuidor*:—A casa *cujo* proprietario—A preta *cuja* senhora.

Diríamos antes: *cujo* se emprega sempre na relação do complemento restrictivo, sendo portanto solecismo o uso d'elle concordando com o proprio antecedente:—O homem *cujo* homem, isto é—o homem do qual o homem; assim como é solecismo seu empregô sem substantivo ou pronome que lhe sirva de antecedente:—Hontem deixei de procurar-te, *cuja* falta me perdoarás, e ainda empregar este adjectivo por outro:—«Vi o homem *cuja* (de quem) era esta casa. Os ex.^{os} acima resolvem-se desta maneira:

—«A moça da qual a belleza»—«O sol do qual os raios»—«A casa da qual o proprietario»—«A preta da qual a senhora». O ex.^o:—O homem de cujos trabalhos me fallas, etc.» resolve-se em—«O homem dos trabalhos do qual me fallas, etc.».

LXIII—Quando *meio*, significando *um tanto*, modifica um adjectivo, é adverbio, sendo irregular fazel-o variar, como si fosse adjectivo. Escrevem muitos vezes:—«Maria está *meia* doente».—«A casa está *meia* inclinada».—Em lugar de:—«Maria está *meio* doente».—«A casa está *meio* inclinada».—Isto é—«Maria está *um tanto* doente».—«A casa está *um tanto* inclinada».

Lopes de Mendonça disse:—«Que teria sido o theatro em Hespanha no seculo desesete, se

tantas causas o não tornassem, ou interprete das opiniões religiosas, ou reflexo dos costumes, *meio* barbaros, e *meio* cavalleirosos?»

LXV—*Excepto* e *salvo*, participios, convertem-se em preposições que se usão á frente de complementos circumstanciaes de exclusão:—«... passou os Mouros á espada, *excepto* alguns que reservou para trazer enforcados nas vergas dos navios, etc.».

Vieira disse, pois, irregularmente:—«*Excepta* a carta de Sua Alteza, esta é a unica que escrevo a Portugal». Em logar de—«*Excepto* a carta de Sua Alteza, esta é a unica que escrevo a Portugal». *Excepto* considera-se uma preposição que rege o complemento de exclusão; portanto não deve concordar com «carta».

Pela identidade do caso deixamos de adduzir exemplos em relação a *salvo*.

LXVI—Adjectivos ha como *primeiro*, *raro*, *alto*, etc. que empregão-se como adverbios, e que portanto não devem variar:—«Chegou *primeiro* (primeiramente, em 1.º logar) a nova que os navios, a Goa, e o governador fez grande estimação dos despojos» (J. Freire).—«José vem não *raro* (raramente) aqui».—«Falle *alto* (altamente, em voz forte)».

LXVII—Os adverbios de quantidade *muito*, *pouco*, etc. convertem-se em adjectivos, tornando-se assim variaveis, quando modificão a substantivos:—«*Muitos* homens forão mortos».—«*Poucas* pessoas forão á festa».

LXVIII—*Só* no sentido de *apenas*, *sómente* é adverbio de exclusão; no sentido de *unico*, *exclusivo*, é adjectivo, ex.^{os}:—«Quero só (apenas, sómente) pão».—«Eu *só* (unico, exclu-

sivo) quero pão». Comprehende-se quão diverso é o sentido. «Quero só pão» quer dizer: «Quero pão sem mais nada»; «Eu só quero pão» significa: «Eu sou o unico dentre todos que quer pão».

LXIX—Quando collectivos são modificados por algum adjectivo, a concordancia deste é ás vezes sylleptica:—«Grão parte delles forão mortos» (J. Freire).

LXX—«*Um pouco d'agua*» ou—«*Uma pouca d'agua*»?

Si varião *pouco* para a fôrma femenina *pouca* por ser *agua* desse genero, não vemos razão para isso, porque a concordancia aqui não se dá. «*Pouco*» no exemplo dado está substantivado por «*um*» e *d'agua* é complemento restrictivo de «*pouco*»; sem duvida nenhuma é mais regular o substantivar uma palavra qualquer na fôrma masculina do que na femenina; adoptaremos, pois, a 1.^a expressão—«*Um pouco d'agua*». Nem vemos razão alguma para suppor-se no caso presente uma ellipse v. g. de *porção*.

LXXI—A's vezes o adjectivo concorda, por syllepse, com a palavra que se tem em mente. Assim é que Camões disse: *ja o planeta apresada*, porque tratava de *lua* que aliás é satellite.

LXXII—*Segundo* e *conforme* são adjectivos, preposições ou conjunções.

Como adjectivos concordão com um substantivo:—«*Segundos premios*».—«... não o amor senão a injuria os tem feito conformes» (J. Freire).

Como preposições, regem complementos de modo:

—«Fiz a obra *conforme* ou *segundo* as ordens que tenho».

Como conjunções, ligão orações circumstanciaes, e correspondem, mais ou menos, a *como* —«Fiz, *conforme*, *segundo* ou *como* mandaste».

LXXIII—*Junto*, *distante* e outros adjectivos não raro tornão-se invariaveis e assumem o officio de preposições formando locuções com outras palavras; ex.^{os}:—«Estamos *junto ao rio*» (Const. dicc.).—«... os tabacos se lavrão sempre em terras fortes e novas e muito *distante* das aldêas» (Vieira).

LXXIII—Um e outro pôdem referir-se a substantivos de generos differentes—«... dei-te *um corpo* com minhas mãos, o mais perfeito; dei-te *uma alma* tirada de minhas entranhas e feita a minha imagem e semelhança, ornei e habilitei *um e outro*, etc.» (Vieira).

LXXV—O attributo concorda com o sujeito da mesma fôrma que o adjectivo com o substantivo. A concordancia, porém, desapparece sendo o attributo um substantivo.

Em genero:—«*Maria* foi para mim *um anjo*».

Em numero:—«Somos *nós* a causa do que succedeo».

LXXVI—Nos officios, profissões, empregos communs aos homens e ás mulheres raro é distinguir aquelles pelas fôrmas genericas. Assim dizemos, fallando de Stall:—Foi *um* excellente escritor: Ha exemplo mesmo de dizer-se».—«Victoria, O Imperador».

LXXVII—De ordinario os nomes femininos que passão para o augmentativo mudão para masculino:—«*Uma* sala, *um* salão; *uma* porta,

um portão. Dizemos no emtanto:—*Um* moço, *um* mocetão; *uma* moça, *uma* mocetona.

LXXVIII—*Bastante*, quando adjectivo, tem o plural *bastantes*, e significa *sufficiente*; mas pôde ser também adverbio no sentido de *as-sás*, *sufficientemente*:—«*Maria é bastante rica*». —«*Somos bastante ricos*».

LXXIX—*Mesmo* é adjectivo variavel em genero e numero, e quer dizer *identico*, mas usa-se também, como adverbio (do fr. *même*) no sentido de *até*, *ainda*:—«*E' tão friorento que traz camisas de lã mesmo no inverno*».

LXXX—*Todo*, adjectivo, converte-se em adverbio, e então deixa de concordar com algum substantivo, significando *totalmente*, *de todo*:—«*Ella tinha os pés todo ensanguentados*».

LXXXI—O sub-attributo concorda com o sujeito si o verbo é intransitivo, e com o complemento objectivo si elle é transitivo.

ERRATA.

- 7—rectos obliquos—rectos e obliquos.
11—para complemento—para o complemento.
36, 46, 63, 69—fórma (verbo)—forma.
50—a que o possessivo—que ao possessivo.
59—fallo—fallamos.
91—que está escrito—o que está escrito.
116—den—de.
-

Deixamos de mencionar os erros mais leve s.